

Cerâmicas de Idanha-a-Velha

Contributo para o estudo dos motivos decorativos

Susana Duarte *

Resumo

O presente artigo considera um conjunto de cerâmicas comuns, provenientes de Idanha-a-Velha, característico dos séculos XII-XIII.

Apresenta semelhanças morfológicas e decorativas com espólio cerâmico de intervenções arqueológicas do Norte Peninsular, contribuindo desta forma para o estudo evolutivo dos motivos decorativos.

Palavras-chave: Cerâmicas Comuns. Idade Média

Abstract

This paper discusses a set of coarse wares, belonging to the 12th/13th centuries AD, from Idanha-a-Velha.

The exhibit morphological and decorative similarities with pottery found at other archaeological excavations in the North of the Iberian Peninsula, contributing in this way to the study of the evolution of decorative patterns in this period.

Key-words: Middle Age. Common ware.

* Arqueóloga. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Contributo para o estudo dos motivos decorativos Cerâmicas de Idanha-a-Velha

Susana Duarte *

Resumo

O presente artigo considera um conjunto de cerâmicas comuns, provenientes de Idanha-a-Velha, caracterizado das séculos XII-XIII. Apresenta análises estilísticas e decorativas com espólio cerâmico de manifestações arqueológicas do Norte Peninsular, contribuindo desta forma para o estudo evolutivo dos motivos decorativos.

Palavras-chave: Cerâmicas Comuns, Idanha-a-Velha

Abstract

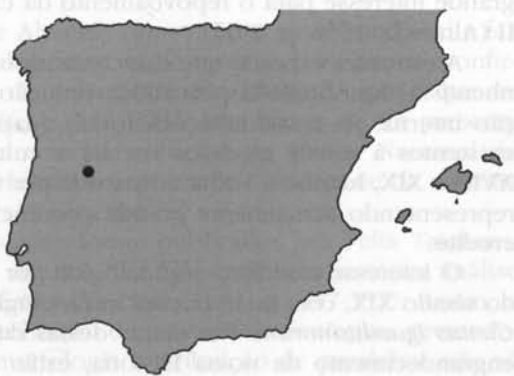
This paper focuses on a set of common wares, belonging to the 12th-13th centuries AD, from Idanha-a-Velha. The author analyzes the decorative and stylistic features of the ceramic, contributing to the study of the evolution of decorative patterns in this period.

Key-words: Middle Age, Common ware.

* Arqueóloga. Mestrado em Arqueologia e Licenciatura em História de Arte.

Antecedentes Históricos

Idanha-a-Velha, pequena aldeia do concelho de Idanha-a-Nova é referência de grande património histórico-arqueológico construído. Assenta sobre ruínas da *Civitas Igaeditanorum*, embora o povoamento do território tenha antecedentes Pré e Proto-históricos, testemunhados pelas culturas megalí-



tica e castreja. No entanto, a formação do importante aglomerado corresponde à romanização, a partir do século I a. C.. Deste período persistem estruturas como a ponte romana, o núcleo epigráfico, parte da muralha, o templo, as habitações e equipamentos diversos, alguns dos quais adaptados posteriormente, outros abandonados ou mesmo destruídos para novas edificações.

Do período visigodo data a construção primitiva da catedral com o baptistério, que provavelmente fora edificada sobre estruturas pré-existentes. Assim, a partir de 585 a Egitânia esteve sob o domínio visigodo, onde predominaram novos modelos culturais e adquiriu sede de bispado representando-se nos concílios de Toledo e Mérida. A importância deste aglomerado é testemunhada pela cunhagem de moeda durante a Alta Idade Média.

A invasão muçulmana fizera com que Idanha fosse destruída no início do século VIII (715). Facto que levou a um período de declínio e retracção urbana no processo das várias etapas de reconquista cristã, território este recuperado com Afonso III das Astúrias em 876 e, no século X, integrado no condado portugalense.

Por documentação de D. Afonso Henriques foi feita doação deste território, em 1165, à ordem dos Templários, do qual se pode constatar a reconstrução do aglomerado defensivo apesar da fraca densidade populacional.

D. Sancho I ordenara por várias vezes medidas de repovoamento sem sucesso cit. por Almeida (1956, p. 296): *D. Sancho I doa a cidade de Idanha-a-Velha aos Templários em troca dos castelos de Mogadouro e Pedras Rubras... A carta foi doada no terceiro ano do repovoamento da cidade (1197, 23 de Janeiro, Porto)* – (resumo: T. Tombo, Ordem de Cristo, Liv. 233 (Carta de Pedro Alvarez Seco, Fol. 135 e 135v.^o).

O Foral doado por D. Sancho II em 1229 delimitava o território, agora mais reduzido, e concedera regalias aos moradores. Por documento de 1240 (10 de Março) de Castelo Branco, D. Sancho II dirige-se às autoridades e proprietários de Idanha-a-Velha tentando incrementar o território sob pena dos bens locais ficarem integrados nos bens da coroa, pois a vila era considerada *fogo morto*.

O aumento populacional foi uma das medidas que os reis D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I tiveram em consideração para o desenvolvimento daquele local. Através de cartas de D. Afonso V e de D. Manuel I, verifica-se grande interesse para o repovoamento da cidade abandonada desde D. Sancho II (Almeida, 1956, p. 291).

A estrutura espacial que caracterizara o período Medieval e Moderno (Quinhentista) fora limitada pela nítida redução do perímetro da vila e reorganização interna. As transformações foram adaptadas e absorvidas de estruturas já existentes a novos modelos sociais e culturais. Posteriormente, nos séculos XVIII e XIX, Idanha-a-Velha é marcada por um baixo aglomerado populacional, representando actualmente grande coerência, valorizando-se o tradicional e o erudito.

O interesse científico-arqueológico por este território verificou-se em finais do século XIX, com intervenções arqueológicas que constatarem a existência da *Civitas Igaeditanorum*. Por detrás destas descobertas, que contribuíram para o engrandecimento da nossa História, estão pessoas de grande prestígio como Francisco Tavares Proença Júnior, então director do Museu de Castelo Branco, José Leite de Vasconcelos, Félix Alves Pereira, e posteriormente D. Fernando de Almeida. Este último, realizara intervenções em Idanha-a-Velha por mais de vinte anos, interrompidas pouco tempo antes de sua morte em 1979. Terá sido quem mais se debruçou pela importância da Egitânia, referência das várias publicações a ela associadas. Das várias intervenções foram exumados espólios de grande significado histórico-arqueológico, como o complexo epigráfico, numismas, estruturas, entre outros.

No entanto, há espólio recolhido sem metodologia estratigráfica como se pode verificar com o núcleo de cerâmica que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia (cód. 335, 995, 998). Trata-se de cinquenta e nove peças de cerâmica comum denominadas tipologicamente de jarro, bilha e púcaro, encontrando-se completas ou quase completas. A maior parte do espólio foi recolhido

aquando da limpeza de um poço nos finais do século XIX, no contexto da construção da casa habitacional do Sr. J. dos Reis Marrocos, que se localiza a cerca de vinte metros da Sé, junto ao lagar.

O espólio retirado do poço foi entregue por intermédio de João Marrocos, ao então director e fundador do Museu de Castelo Branco, Francisco Tavares Proença Jr. e, por este, ao Dr. Félix Alves Pereira, então director do Museu Etnológico, onde actualmente permanecem em depósito.

No entanto, temos de ter em consideração algumas informações, isto porque, a cerâmica comum publicada por R. Carvalho (1991, p. 557-560), pertencera, segundo o autor, ao núcleo inicial de Idanha-a-Velha mas, sendo posteriormente integrada no núcleo particular de Francisco Tavares Proença Júnior. É de salientar também o facto de existir uma cisterna dentro da Sé, da qual, em tempo de D. Fernando de Almeida, foram exumados jarros que constam do núcleo do Museu Nacional de Arqueologia. Os jarros exumados da cisterna foram enquadrados no acervo já existente, pertencente à colecção doada pelo senhor João Marrocos, sem que actualmente se possa obter a divisão correcta do que caracteriza cada local (Teichner, 1997, p. 352).

Assim, temos de considerar as publicações e consequentes cronologias que já foram atribuídas a este acervo de cerâmica comum de Idanha-a-Velha. Pois, José Queiroz caracterizou-o como pertencente ao século XI (1907, p. 8, 11); José Leite Vasconcelos refere a sua existência, e que fora trazido para o Museu Etnológico por Félix Alves Pereira, que o classificou como medieval (1915, p. 62, 142-143).

Posteriormente, D. Fernando de Almeida caracteriza-o como medieval e faz a distinção entre dois poços, um deles perto da Sé e outro extra-muros, confirmando a proveniência do núcleo de cerâmica em análise, do poço que se encontra perto da Sé (Almeida, 1956, p. 110, 375). Mas temos de ter presente que, actualmente, o espólio que caracteriza o núcleo do Museu Nacional de Arqueologia provém, como já foi referido anteriormente, uma parte da cisterna da Sé, e outra do poço que dista a vinte metros.

Na década de noventa, novos dados foram publicados por Felix Teichner, que caracterizou o núcleo entre os séculos XIII-XIV após uma sintética análise do espólio e definição da proveniência (Teichner, 1997, p. 347-352). Assim, a partir de um estudo já realizado e atribuição de possíveis cronologias, pretende-se fazer nova avaliação quanto à morfologia e atribuição de paralelos, não só no âmbito local como também regional.

Metodologia

De acordo com os critérios tipológicos, a terminologia utilizada neste acervo de cerâmica comum é a de jarro, bilha e púcaro. O jarro destinado a conter, transportar e servir líquidos, pode apresentar bico trilobado ou boca circular, o colo é normalmente alto com asa vertical de secção rectangular, circular ou oval. O púcaro apresenta menor dimensão e destina-se, tal como o jarro, a conter, servir e ingerir líquidos e, a bilha, a transportar.

A descrição do espólio foi efectuada de forma sistemática e individualizada, considerando o número de inventário atribuído pelo Museu Nacional de

Arqueologia e um número aleatório aquando da descrição das peças. A elaboração do registo descritivo das cerâmicas, apresenta-se segundo o modelo utilizado por Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes (Gomes; Gomes 1995, p. 321-342), assim como, por M. Rodrigues (Rodrigues, 1994) e A. Bazzana (Bazzana, 1979).

A descrição considera os aspectos formais, o fabrico das pastas, a constituição do núcleo, a decoração da superfície externa e as medidas. Nos aspectos formais, definiu-se a peça de acordo com a realidade desta, sem reconstrução de possíveis pormenores, tal como a asa. As pastas foram submetidas a uma análise macroscópica, apresentando-se compactas e homogéneas, essencialmente compostas por elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a grosso, além de poderem conter alguns feldspatos. A definição da cor das pastas foi atribuída pelo catálogo *Munsell Soil Color Charts* (1975). As medidas são apresentadas em metros, definindo a altura, o diâmetro do bordo, o diâmetro máximo do bojo, diâmetro do fundo e espessura média.

Podemos constatar que nos jarros o bordo pode apresentar-se extrovertido, com lábio aplanado superiormente, semicircular e/ou biselado, e/ou bordo simples com lábio semicircular; o colo normalmente alto; o bojo oferecendo formas globular e ovóide, podendo esta última, apresentar-se alongada ou achatada; o fundo plano, podendo apresentar-se, em excepção, côncavo; por fim asa vertical.

As descrições são acompanhadas dos desenhos que foram realizados numa escala de 1/1, representados com a técnica do ponteadado e, posteriormente, reduzidos.

As cerâmicas catalogadas e desenhadas são analisadas num capítulo de interpretação, onde se consideram as características técnicas, as formas e decorações, estabelecendo-se posteriormente a integração cultural e os paralelos. Tendo em conta a proveniência das cerâmicas, a pesquisa bibliográfica foi direccionada para os paralelos dos contextos arqueológicos do Norte da Península, baseados quando possível em cronologias contextualizadas que sustentam a evolução das diferentes temáticas e formas.

Numa outra fase, estabelece-se a análise dos motivos decorativos presentes nas cerâmicas de Idanha-a-Velha, tendo como base as cronologias atribuídas à cerâmica medieval do Norte Peninsular. O estudo de temas decorativos e a sua consequente evolução advém do facto de proporcionar uma análise mais ampla das características de produção, e a consequente difusão espacial e temporal.

Por último, as conclusões finais que este trabalho prevê podem ser objecto de novas avaliações quanto aos contextos arqueológicos do Norte de Portugal. Novas questões ficam em aberto para posteriores estudos que, contextualizados, contribuam para o colmar de determinadas lacunas.

Análise das cerâmicas

A funcionalidade essencial das cerâmicas de Idanha-a-Velha destina-se a conter, conservar e/ou transportar líquidos, pela presença de: uma bilha; dois

púcaros; cinquenta e seis jarros com bico vertedor trilobado ou boca circular e uma asa na extremidade oposta.

Características Técnicas

O espólio de Idanha-a-Velha demonstra que a tonalidade do núcleo das paredes e, a própria superfície externa, apresenta variações que estão associadas ao tipo de argila utilizada no fabrico e à própria cozedura. Denotando-se que a grande maioria do espólio, 98,30%, apresenta indícios de fabrico a torno rápido.

Nas cerâmicas fabricadas em atmosfera redutora, a tonalidade do núcleo das paredes e da superfície externa apresenta-se cinzenta e, nas cerâmicas fabricadas em atmosfera oxidante, apresenta tonalidades acastanhadas e avermelhadas tanto no núcleo como na superfície externa.

De acordo com a tonalidade e composição das pastas, podemos identificar três grupos:

- O grupo 1 representa 28,81% do espólio, com as pastas de cor cinzenta escura, cinzenta e cinzenta clara, contendo elementos não plásticos, essencialmente constituídos por elementos micáceos e quartzosos de grão fino a grosso, para além de feldspatos de grão médio em alguns exemplares. A superfície externa apresenta-se alisada, podendo conter manchas irregulares de cozedura;
- O grupo 2 representa 33,89% do espólio, com pastas de cor castanha, castanha acinzentada e castanha clara, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos de grão fino e médio. A superfície externa apresenta alisamento, visualizando-se alguns elementos não plásticos e caracterizam-se pela mesma tonalidade do núcleo das paredes. Num exemplar específico, a superfície externa oferece engobe castanho avermelhado (jarro 29);
- O grupo 3 representa 37,28% do espólio, com pastas de cor castanha avermelhada, castanha avermelhada clara e vermelha, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino a médio e, por vezes, alguns feldspatos. A superfície externa apresenta pela acumulação de pequenas partículas de micáceos, provocados pelo alisamento das peças, um brilho característico. Para além de, num exemplar, oferecer engobe castanho escuro na superfície externa (jarro 52).

Morfologia

Jarro

O jarro corresponde a 94,91% do espólio total, sendo este caracterizado por peças completas ou quase completas. Neste grupo estão incluídas as formas globular e ovóide, esta última também alongada ou achatada, normalmente associada a colo alto assentando em fundo plano, com exceção em fundo côncavo.

A asa, aplicada sobre a pasta, apresenta-se inteira ou com representação de pequena porção em 53,57% dos jarros sendo de secção rectangular, circular ou oval. A extremidade superior está fixada sob o bordo ou num ponto do colo, e a extremidade inferior num ponto do bojo.

Apenas 8,77% dos jarros apresenta bico vertedor trilobado, estando associado a bordo simples com lábio semicircular. Nos restantes, quando permitem reconhecer boca circular, o bordo, encontra-se extrovertido com lábio aplanado superiormente, semicircular e/ou biselado, para além de também se poder considerar, com excepção, bordo ligeiramente introvertido.

Bilha

A bilha representa 1,69% do espólio, é caracterizada por forma ovóide achatada assentando em fundo plano.

Púcaro

O púcaro representa 3,38% do espólio, caracterizado por perfil em "S" destinado a servir líquidos. Apresenta forma ovóide assentando em fundo plano, colo baixo, bordo espessado e extrovertido e lábio de secção semicircular.

Superfície Externa

Jarro

A decoração da superfície externa está representada em 94,64% dos jarros, que consideram as seguintes características de elaboração:

Incisão – Esta técnica decorativa é executada com um instrumento cortante, que permite a elaboração de motivos rectilíneos, ondulados e ovais.

A incisão é a técnica decorativa mais utilizada nos jarros de Idanha-a-Velha, podendo apresentar incisões rectilíneas agrupadas essencialmente no bojo e/ou isoladas. No entanto, existem também conjugações de vários motivos e técnicas decorativas, ou seja, incisões, caneluras, impressões ou aplicações plásticas.

Nos jarros 14, 29, 33 e 38 a decoração da superfície externa apresenta agrupamentos de motivos rectilíneos incisos e motivo rectilíneo simples no jarro 56. Este, tal como os jarros 44 e 58, oferecem junto ao colo um círculo simétrico que perfura a peça dos dois lados, aspecto morfológico que teria uma conotação mais utilitária do que estética, servindo para ser pendurado. Enquanto que os jarros 37, 52 e 57 apresentam um único agrupamento de incisões rectilíneas paralelas no bojo, o jarro 3 apresenta caneluras no colo e uma incisão rectilínea no bojo.

No entanto, os motivos rectilíneos incisos podem estar associados a motivo ondulado e inciso de maior dimensão, como sugere o jarro 39 ou, exclusivamente, os motivos circulares sobre cordão destacado (jarro 23).

Nos jarros que permitem reconhecer a asa, esta poderá apresentar-se sem decoração ou com decoração por puncionamento e incisão.

O arranque da asa do jarro 9 permite reconhecer secção rectangular com decoração de motivo inciso. O jarro 20 apresenta asa de secção rectangular com decoração de duas incisões verticais. Os jarros 12 e 57 apresentam asa de

secção rectangular com decoração de pequenos motivos circulares realizados por puncionamento. O jarro 2 apresenta asa de secção rectangular com cordão em relevo demarcado por três dedadas acentuadas e o jarro 37 decoração incisa de uma cruz na extremidade inferior.

Canelura – Técnica decorativa elaborada aquando da realização da peça, isto é, caneluras feitas a torno que podem apresentar-se mais ou menos destacadas. São normalmente representadas no colo, junto ao arranque superior da asa ou no bojo, permitindo, por vezes, oferecer corpo com uma forma ovóide alongada.

Nos jarros que apresentam corpo de forma ovóide alongada, verifica-se que a decoração da superfície externa está caracterizada por incisões onduladas associadas a incisões ovais. Nos jarros 53 e 46 há a representação das duas alternadas, mas destacadas em canelura.

Não podemos deixar de considerar que estes motivos decorativos estão destacados devido à própria forma dos jarros com representação de caneluras largas, que nos jarros 2 e 47 estão decoradas por incisões rectilíneas e paralelas. Embora o jarro 11 represente o mesmo motivo decorativo que os jarros 2 e 47, oferece uma incisão horizontal ondulada alternada por caneluras, distinguindo-se do jarro 50, que apresenta o bojo com caneluras paralelas mas de largura reduzida.

Impressão – Esta técnica decorativa está representada nos jarros de Idanha-a-Velha sobre cordão plástico vertical e horizontal. Os jarros 7 e 13 apresentam a superfície externa decorada com motivos vegetalista, tipo palmeta, representados verticalmente por incisão larga e pouco profunda, alternados por cordões plásticos verticais com decoração de pequenos motivos circulares e/ou ovais impressos. Os motivos destacados em cordão plástico surgem também no jarro 51, mas representados horizontalmente.

Pintura a branco – Está presente num único exemplar (jarro 15) formado por quatro bandas brancas organizadas na parte superior, alternadas por quatro rectilíneas e, na parte inferior, duas bandas rectilíneas paralelas alternadas por duas incisões rectilíneas.

Bilha

Esta forma está representada por um exemplar (n.º 41) que, na elaboração da decoração da superfície externa, considera duas técnicas decorativas: caneluras na junção entre o colo e o bojo e sobre a demarcação do arranque inferior da asa; incisões rectilíneas sob a demarcação do arranque inferior da asa.

Púcaro

Os púcaros (n.ºs 5 e 49) apresentam a superfície externa sem decoração.

Integração cultural e Paralelos

Os estudos cerâmicos adquirem aspectos que lhe conferem uma atribuição social, convertendo-os em documentos históricos. São caracterizados pela relação entre a cultura material e a organização social, tendo em conta as produ-

ções, a funcionalidade e o uso, para além das estruturas e distribuição espacial. Permitem ainda uma análise das condições sociais com base nas necessidades e/ou limitações sócio-económicas. A variedade das produções cerâmicas comuns locais e regionais é abundante, e sempre localizada nos mesmos contextos funcionais mesa e/ou despensa (Gutiérrez González; Beneitez González, 1997, p. 544).

D. Fernando de Almeida considera que, nos objectos de uso comum de contextos tardo-romanos e visigóticos, o barro nem sempre apresenta boa qualidade, podendo oferecer cor cinzenta, vermelha ou amarela, e a forma mais frequente é caracterizada pelo pequeno jarro. No entanto, estas características também surgem em cerâmicas da Plena Idade Média (Almeida, 1962).

As cerâmicas compostas por pastas micáceas difundem-se principalmente em contextos do nordeste da Meseta (Leão e Zamora) e Norte de Portugal. Facto que advém da existência deste tipo de rochas, utilizadas como elementos não plásticos nas produções cerâmicas locais e regionais. Esta técnica é muito usual no período romano em cerâmica de cozinha, perdurando na Alta e Plena Idade Média (Gutiérrez González; Beneitez González, 1997, p. 544).

A predominância da forma de jarro é uma das grandes referências dos séculos XII-XIII. Período em que a variedade de formas aumenta significativamente, utilizando-se com frequência o torno rápido, denotando-se paredes mais regulares e consequentemente uma maior perfeição nas técnicas decorativas.

Os jarros 1, 9, 25, 36 e 44 apresentam bico vertedor trilobado e uma asa ou a demarcação na extremidade oposta, conhecendo-se paralelos em exemplares do século XII exumados no Baldoeiro (Rodrigues; Rebanda, 1995). Temos de ter presente que esta forma fechada com bico vertedor tem precedentes romanos e perdurações medievais cristãs e andaluzas, estando também representados nas cerâmicas do Museu de Castelo Branco (Carvalho, 1991) mas sem cronologia definida.

Em contextos altomedievais de Palencia, Cantábria, Burgos e no castelo de Camargo, este último datado por C14 para meados do século VIII e primeiro terço do XI, têm para além de outras formas uma característica claramente definida: jarro de boca circular sobre um corpo ovóide ou globular, com fundo plano e bico vertedor tipo «oinochoe» e na extremidade oposta uma asa vertical (Bohigas Roldan; García Camino, 1991, p.70).

A decoração impressa, aplicada sobre cordão nos jarros 7 e 13, sugere peças exumadas nos contextos espanhóis em cerâmicas provindas de Leão e Zamora, características dos séculos XII e XIII (Gutiérrez González; Bohigas Roldan, 1989, p. 308). A aplicação de cordões plásticos verticais apresenta-se alternada por motivos incisos de carácter vegetalista, tipo palmeta, conjugação esta sem qualquer referência em paralelos conhecidos. No entanto, os cordões plásticos encontram-se em contextos do Norte de Portugal, em jarros dos séculos XII e XIII.

O motivo vegetalista, representado no jarro 54, adquire características distintas dos motivos atribuídos aos jarros 7 e 13. Enquanto que estes estão associados a cordão plástico vertical, os representados no jarro 54 mostram incisões profundas, alternadas por motivo ondulado e inciso horizontalmente, mas sem referência de paralelos.

Os jarros 14, 33, 37 e 38 têm paralelos em Orzales nos séculos XI – XII, apresentando as mesmas cronologias na Galiza, apesar de haver locais arqueo-

lógicos onde este motivo permaneça durante toda a Idade Média (Gutiérrez González; Bohigas Roldan, 1989, p. 308), formas estas similares a exemplares de contextos arqueológicos de Santa Cruz da Vilarça no século XIII (Rodrigues; Rebanda, 1998).

A incisão ondulada é uma das características técnicas mais utilizadas nos jarros de Idanha, a seguir às incisões rectilíneas. Estando representadas entre o colo e o bojo nos jarros 10, 19, 21 e 24, com paralelos em exemplares exumados de escavações em Henestrosas (Cantábria) e Valência de Don Juan datados do século XIII (Gutiérrez González; Benítez González, 1997). Surgem também em contextos do século XIII do Norte de Portugal.

O espólio cerâmico encontrado nas escavações na zona do castelo de Castelo Branco, está associado a sepulturas medievais com numismas datados entre os séculos XIV-XVI. Os fragmentos são caracterizados por formas definidas e com morfologia, que segundo o autor, está presente na cerâmica medieval Cristã e Árabe, por informações obtidas através de paralelos de necrópoles espanholas. Surgem integradas nas cerâmicas de produção regional, em que a tonalidade é essencialmente caracterizada pelo vermelho ocre. A decoração é representada por motivos rectilíneos, ondas, aspás e meandros (incisões onduladas), aspectos decorativos representados em alguns jarros de Idanha pelas incisões onduladas nos jarros 8, 24, 43, 45 e 55 apesar de pastas distintas. A associação das incisões onduladas e ovais (aspás) em cordão destacado do jarro 19, é similar a um fragmento provindo da zona do castelo de Castelo Branco.

A decoração e a forma dos jarros 2, 11 e 47 apresentam corpo alongado com agrupamentos específicos de caneluras/ incisões, apesar de alternados por incisão ondulada no jarro 11. O jarro 2, apresenta uma aplicação na asa de cordão em relevo demarcado por três dedadas, enquanto que o jarro 47 possui asa torcida. Em Castelo Branco, na zona do castelo, foi exumado fragmento similar aos mencionados, mas sem decoração; apenas caneluras largas, tal como no jarro 50, com caneluras de menor dimensão (Ribeiro, 1986, p. 277 -281).

Os jarros 4, 30, 35, 40 e 54 oferecem corpo ovóide ou globular, colo alto e dimensões de cerca de 0,20 m, tendo sido encontrados paralelos em contextos arqueológicos de Momoitio, Mendraka, Sta. Maria de Hito, Puerta Castillo (Leão) e nos castelos asturianos de Gozón e Tudela, característicos dos séculos XII-XIII (Gutiérrez González; Bohigas Roldan, 1989, p. 306).

O jarro 15 oferece motivos pintados a branco, similares a exemplares de contextos localizados em Leão e Zamora, com bandas a branco aplicadas sobre engobe e atribuídas ao século XII (Gutiérrez González; Benítez González, 1989). Tendo surgido também, mas sem cronologia, numa peça do núcleo de Idanha-a-Velha depositada no Museu de Castelo Branco (Carvalho, 1991).

As incisões ovais apresentadas como único motivo decorativo (jarro 4) ou conjugadas (jarros 10, 19 e 23), têm paralelos reconhecidos em escavações arqueológicas do Norte e Noroeste da Península Ibérica, nos contextos da zona do castelo de Castelo Branco e, em depósito no Museu Francisco Tavares Proença Jr.

Os motivos decorativos representados por puncionamento e incisão na asa de alguns jarros, podem estar associados a uma técnica decorativa ou a uma técnica formal, aquando da cozedura para impedir fracturas. Nos contextos de Palencia, este tipo de incisão é muito elevado, o que leva a pensar numa relação estético-formal (Matesanz Vera, 1992, p. 74).

No Norte de Palencia, surgem representações de asas perfuradas por incisão de pequenos motivos verticais, em tudo semelhantes aos representados nos jarros 9 e 20. No entanto, foram encontrados motivos de pequenos círculos, como sugere o jarro 12, mas com a particularidade de terem em simultâneo pequenas bandas verticais pintadas, aspecto que não foi encontrado nas cerâmicas de Idanha-a-Velha (Matesanz Vera, 1992, p. 74 - 75).

Este tipo de motivo inciso na asa, surge habitualmente acompanhado de traços pintados, datados do século XI e prolongando-se à primeira metade do século XII (Bohigas Roldan; García Camino, 1991, p. 71). No entanto, as peças de Idanha-a-Velha não apresentam qualquer tipo de decoração pintada, quiçá poderá ter desaparecido com o tempo.

De entre os materiais exumados em Gozón, Tudela e no jardim da Catedral de Oviedo, de contextos dos séculos XII-XIII, foram encontrados jarros com corpo ovóide, fundo plano ou convexo e bico vertedor com incisões na asa, tal como sugere o jarro 9. O jarro 37 apresenta motivo cruciforme na extremidade inferior da asa, encontrando paralelos em Fuenteungrillo, mas com a particularidade de ser representado em grandes vasos com cronologia atribuída entre os séculos XII-XIII (Gutiérrez González; Bohigas Roldan, 1989, p. 309).

Evolução dos motivos decorativos na cerâmica comum

As cerâmicas comuns, nomeadamente os jarros, apresentam desde o período tardo-romano à Baixa Idade Média, elementos formais e decorativos que permitem constatar a sua perduração. Pois, nas cerâmicas tardo-romanas, tipo *grés* de Conímbriga, existem decorações que o próprio autor menciona como características de *várias épocas e louças* (Alarcão, 1974, p. 113).

A análise das cerâmicas de Idanha-a-Velha vem proporcionar um novo contributo para o estudo e evolução dos motivos decorativos, que para a Idade Média ainda se encontram numa fase embrionária, nos contextos do Norte e Centro de Portugal. Pretende-se, através de paralelos, avaliar o carácter evolutivo nas cerâmicas comuns, confirmando a perduração de elementos formais e decorativos.

Um dos motivos mais abundantes nas cerâmicas de Idanha-a-Velha é a representação de decorações feitas por incisões rectilíneas, por vezes agrupadas. São encontradas em contextos tardios, na cerâmica comum de Conímbriga e no século VIII em Camargo. Em contextos arqueológicos de Orzales, Galiza, Astúrias e Leão, estes motivos são atribuídos aos séculos XI-XII.

A técnica decorativa, realizada através de caneluras feitas a torno localizadas no colo dos jarros, é bastante significativa no espólio de Idanha, facto também muito característico e frequente em todo o Norte Peninsular. Normalmente, são exumados de contextos posteriores ao século XI, chegando a surgir nos séculos XIV-XV no castelo de Aguiar (Barroca; Morais, 1986). Em Leão, a decoração com caneluras surge em contextos cronológicos do século XIII, no solar de Puerta Castillo (Gutiérrez González; Benítez González, 1989, p. 214). No entanto, esta técnica decorativa tem antecedentes aplicados em púcaros e potes provindos de Conímbriga (Alarcão, 1974, Est. XLII, XLIII, XLVIII).

Nas cerâmicas de Idanha, surgem decorações de incisões ovais, por vezes tipo asas, estas muito representativas de Leão (Puente Castro) e Monte Cilda,

(Palencia) entre os séculos VI-VIII. Neste último, predomina a presença de incisões nas asas, característica que tem precedentes tardo-romanos e previvência até à Baixa Idade Média, em contextos do Norte da Península Ibérica.

Os cordões plásticos dispõem-se normalmente na horizontal associados a outros motivos decorativos, como pequenas incisões tipo aspas, mas, para além desta disposição, em Idanha-a-Velha surgem cordões plásticos verticais com impressões ovais, alternados por motivos vegetalistas, tipo palmeta, realizados por incisão (fig. 1: 2, 4).

A decoração rectilínea e ondulada pintada a branco (fig. 1: 1), presente num exemplar de Idanha, pode ser datada do século XII, quicá relacionada com a tradição muçulmana. No entanto, uma cerâmica do Museu Francisco Tavares Proença Jr., a que fora atribuída cronologia incerta, apenas se considerou tratar de uma produção mais regional do que propriamente local. A pintura a branco também sugere peças conhecidas em contextos do século XII em Leão e Galiza, nesta última aplicada sobre engobe, mas também conhecidos em contextos alto-medievais na zona de Castela (Cantábria, Palencia e Burgos).

As incisões onduladas (meandros) são encontradas em contextos tardios das cerâmicas de Conímbriga, nos contextos de Camargo do século VIII, previvendo em Portugal até ao século XIII nas cerâmicas de Idanha-a-Velha (fig. 1: 3, 5, 6), Braga e Santa Cruz da Vilariça. Verifica-se a sua previvência até à actualidade, pela característica cerâmica tradicional. Para além de estarem representadas em contextos da zona do castelo de Castelo Branco entre os séculos XIV-XVI. Em Espanha, são exumadas em contextos arqueológicos de Biscaia, Leão, Zamora dos séculos XI-XII e, em Henestrosas e Valência de Don Juan em contextos dos séculos XIII-XIV.

As incisões onduladas são representadas como única decoração em Murias de Beloño e Veranes num período de transição, com precedentes em cerâmicas comuns tardo-romanas, previvendo em contextos posteriores que confirmam a evolução destes motivos decorativos, verificando-se ampla difusão no Norte Peninsular.

A partir da análise da difusão espaço-temporal dos motivos mais característicos nas cerâmicas comuns, tendo como base de apoio o núcleo de Idanha, podemos sintetizar que há uma grande vulgarização das formas tardo-romanas em períodos posteriores, previvência característica em toda a Idade Média. Constata-se uma grande difusão nos contextos do Norte da Península Ibérica, pela proximidade geográfica.

Conclusões Finais

O estudo das cerâmicas provindas de Idanha-a-Velha vem proporcionar novo significado histórico-arqueológico, passível de novas investigações quanto aos contextos do Norte de Portugal. Pois, estamos perante uma expansão recente de estudos direccionados para este período histórico.

No entanto, de Idanha provêm cerâmicas onde a contextualização estratigráfica foi inexistente, facto que motivou a necessidade de conjugar as formas, os motivos decorativos e componentes das pastas, dificultando uma atribuição cronológica, esta só possível por paralelos e documentação histórica de Idanha-a-Velha.

A morfologia das cerâmicas permite constatar uma continuidade formal e decorativa, característica de cerâmica comum no Norte de Portugal, desde o período tardo-romano à Baixa Idade Média.

De entre os motivos e técnicas decorativas presentes na superfície externa das cerâmicas, estas podem apresentar-se com decoração de incisões rectilíneas, ovais, onduladas, caneluras, impressões (ovais e circulares) sobre cordão plástico vertical e horizontal e pintura a branco. Por vezes, há a conjugação de vários motivos na mesma peça ou a inexistência de decoração.

Os motivos decorativos mais característicos das cerâmicas de Idanha-a-Velha, estão representados pela decoração rectilínea incisa por vezes agrupada. A forma comum destes jarros oferece corpo globular e/ou ovóide com colo alto e assente em fundo plano. Por vezes, a decoração da superfície externa pode estar representada por motivo rectilíneo paralelo que, de acordo com a tonalidade e composição das pastas, adquirem características de atribuição cronológica entre os séculos XII-XIII.

As incisões onduladas que caracterizam o colo e o bojo dos jarros 10, 21 e 24 apresentam cronologia no século XIII. No entanto, este motivo decorativo tem ampla difusão espaço-temporal, pois verifica-se a sua previvência desde o período romano à dita cerâmica tradicional actual. A associação de motivos ondulados com impressões ovais sobre cordão horizontal destacado, presente no jarro 19, considera pelos paralelos atribuição cronológica de finais do século XIII; tal como as incisões ovais destacadas em cordão plástico nos jarros 10, 19, 23 e 58.

Esta técnica decorativa é muito representativa no bojo destes jarros mas também temos de considerar a existência de caneluras no colo, presente em quase todos os exemplares de Idanha que, de acordo com os paralelos, apresentam cronologias posteriores ao século XI podendo surgir também nos séculos XIV-XV. No entanto, é no século XII que se verifica a grande divulgação desta técnica decorativa.

O corpo alongado presente nos jarros 2 e 47 com agrupamento de caneluras e incisões e/ou alternadas por motivo ondulado no jarro 11, considera cronologia entre os séculos XII-XIII. O jarro 50, com representação de caneluras mais finas, adquire cronologia de finais do século XIII.

A decoração de motivos pintados a branco, rectilíneos e ondulados, surge representada no jarro 15 com cronologia no século XII.

A decoração das asas presente em alguns jarros é feita por puncionamento e/ou incisão, oferecendo motivos que se podem enquadrar pela conjugação dos aspectos técnicos e decorativos, cronologicamente entre os séculos XII-XIII.

As cronologias propostas consideram vários factores, pois não podemos avaliar um núcleo de cerâmica que se encontra desprovido de contextualização estratigráfica, sem recorrer aos paralelos e às informações da própria documentação histórica.

O desenvolvimento da cidade da Egitânia é marcado pela cunhagem de moeda no período visigótico, pela presença de bispo desde o século VI e, durante mais de um século, pela convivência de populações até 715. Permitindo que os aspectos sócio-económicos se desenvolvam e se verifique uma continuidade de determinadas produções, quer a nível local como regional.

Se por um lado houve grande desenvolvimento da cidade no período visigótico e posteriormente a estagnação devido às invasões muçulmanas, por outro, a partir do século XII há um incremento do aglomerado pela própria integração na Ordem dos Templários. Factos que permitem avaliar a perduração de formas e motivos decorativos nas cerâmicas. Assim, a cronologia proposta para este acervo de cerâmica comum é entre os séculos XII-XIII, verificando-se pelos paralelos uma continuidade estética e formal com antecedentes que remontam ao período romano e a previvência pela Baixa Idade Média. Aspectos estes que permitem uma atribuição cronológica algo distinta da que fora proposta por Felix Teichner. Pois, o autor considerou tratar-se de materiais com cronologia entre os séculos XIII-XIV. No entanto, estamos perante formas que adquirem grande divulgação no século XII no Norte de Portugal, apesar de perdurarem em períodos posteriores. É a partir da Baixa Idade Média que há a vulgarização de formas para servir (tigelas, pratos, taças, etc.), materiais que não foram encontrados neste acervo de cerâmica comum para podermos determinar uma cronologia mais precisa.

Não podemos deixar de considerar que uma parte do espólio foi exumado de um poço há mais de cem anos, sem qualquer metodologia e/ou registo do que fora encontrado, e outra parte encontra-se no mesmo núcleo provinda do interior da Sé, sem que actualmente se possa fazer uma divisão correcta do que pertence a cada local de proveniência. No entanto, temos de ter presente que, de acordo com a atribuição cronológica através dos paralelos, podemos constatar a presença de entulhamento do poço exterior à Sé e da cisterna.

A morfologia do espólio de cerâmica proveniente de Idanha-a-Velha considera, pela atribuição de paralelos, cronologia que coincide com momentos de expansão do ambiente sócio-cultural e económico daquela região. Para além de se tratar de cerâmicas com características mais regionais do que propriamente locais, devido à própria difusão espaço-temporal que se pode verificar ao longo do estudo.

Agradecimentos:

O presente artigo foi elaborado na sequência do trabalho apresentado à Faculdade (FCSH-UNL) no âmbito de Estágio Prático e Relatório Final (ano lectivo de 1998/99). Como tal, compete-me expressar um agradecimento às pessoas que de alguma forma contribuíram para a sua realização:

Ao Dr. Luís Raposo, director do Museu Nacional de Arqueologia, que possibilitou a realização deste trabalho pela cedência do espólio e, consequentemente, disponibilização de infra-estruturas;

À Dra. Olinda Sardinha, Técnica do Museu Nacional de Arqueologia;

À Sra. D. Luisa Guerreiro, responsável pelo inventário do Museu;

Ao Sr. Adelino Ramos;

Ao Dr. Guilherme Cardoso, docente na FCSH-UNL;

À Professora Doutora Rosa Varela Gomes, orientadora do trabalho e docente na FCSH-UNL.

Catálogo

1. Jarro (MNA n.º 16951) quase completo, faltando-lhe pequena porção do bordo. Oferece corpo de forma globular e assenta em fundo plano. O colo é baixo e o bordo simples semicircular. Apresenta bico vertedor trilobado. Asa vertical, de secção ligeiramente oval, com a extremidade superior fixada sob o bordo e, a extremidade inferior num ponto do bojo.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino a grosso. O núcleo das paredes é de cor cinzenta (7.5YR5/0). Mede 0,224 m de altura, 0,118 m de diâmetro no bordo, 0,177 m de diâmetro máximo no bojo, 0,112 m de diâmetro no fundo e 0,0055 m de espessura média.

Observações: Superfície exterior com manchas de fogo.

2. Jarro (MNA n.º 16902 bis). Oferece corpo de forma ovóide alongada e assenta em fundo plano. Faltando-lhe o bordo e parte do colo. Asa vertical, de secção rectangular, com a extremidade superior fixada no colo e, extremidade inferior num ponto do bojo. Desde a extremidade superior à extremidade inferior apresenta cordão em relevo demarcado com três dedadas acentuadas.

A superfície externa oferece, na metade superior, caneluras paralelas e horizontais bem demarcadas e, na metade inferior, caneluras paralelas e horizontais simples.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino e médio e, alguns feldspatos de grão fino. O núcleo das paredes é de cor castanha avermelhada (2.5YR5/4). Mede 0,235 m de altura, 0,060 m de diâmetro junto à extremidade superior da asa, 0,131 m de diâmetro máximo no bojo, 0,081 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

Observações: Parte inferior do jarro com concreções.

3. Jarro (MNA n.º 16926). Oferece corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. O colo é alto e o bordo extrovertido, demarcado no interior, com lábio de secção semicircular. Faltando-lhe a asa, parte do bordo e do colo.

A superfície externa oferece caneluras desde o bordo à extremidade superior da asa e, incisão rectilínea sobre a demarcação da extremidade inferior da asa.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos de grão médio a grosso. O núcleo das paredes é de cor castanha clara avermelhada (5YR6/4). Mede 0,230 m de altura total, 0,098 m de diâmetro no bordo, 0,180 m de diâmetro máximo no bojo, 0,095 m de diâmetro no fundo e 0,009 m de espessura média.

4. Jarro (MNA n.º 16910). Oferece corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. Bordo espessado e extrovertido com lábio algo biselado e colo alto. Asa vertical, de secção oval, com a extremidade superior fixada sob o bordo e extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece decoração incisa constituída por um motivo oval disposto horizontalmente, destacado em três partes da peça: sob as extremidades superior e inferior da asa e, a meio do bojo.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes é de cor castanha clara avermelhada (5YR6/4). Mede 0,213 m de altura, 0,104 m de diâmetro no bordo, 0,144 m de diâmetro máximo no bojo, 0,094 m de diâmetro no fundo e 0,0075 m de espessura média.

5. Púcaro (MNA n.º 16913). Oferece corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. O colo é baixo e bordo simples com lábio de secção semicircular. Faltando-lhe a asa, pequena porção do bordo e do colo.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos de grão fino e médio, assim como alguns feldspatos. O núcleo das paredes é de cor castanha avermelhada (2.5YR5/4). Mede 0,157 m de altura, 0,130 m de diâmetro no bordo, 0,160 m de diâmetro máximo no bojo, 0,087 m de diâmetro no fundo e 0,008 m de espessura média.

6. Jarro (MNA n.º 16955). Oferece corpo de forma globular e assenta em fundo plano. O colo é alto e o bordo espessado e extrovertido com lábio de secção semicircular. Faltando-lhe parte de bordo, bojo e a asa.

A superfície externa oferece duas caneluras entre o bordo e a demarcação da extremidade superior da asa. Na parte superior do bojo apresenta incisões rectilíneas e paralelas e, na parte inferior uma incisão rectilínea.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão médio, assim como, feldspatos de grão médio. O núcleo das paredes é de cor cinzenta (5YR6/1). Mede 0,227 m de altura total, 0,109 m de diâmetro no bordo, 0,175 m de diâmetro máximo no bojo, 0,097 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

7. Jarro (MNA n.º 16904). Oferece corpo de forma ovóide alongada e assenta em fundo plano. O colo é alto e o bordo espessado e extrovertido, de lábio aplanado e bico vertedor trilobado. Faltando-lhe a asa e parte do bordo e do colo.

A superfície externa oferece caneluras paralelas e horizontais no colo e, no bojo decoração incisa verticalmente de um motivo vegetalista, tipo palmeta, alternado por impressão de pequenos círculos destacados em cordão plástico vertical. O bico vertedor apresenta uma aplicação em cordão horizontal.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino e médio. O núcleo das paredes é de cor vermelha (2.5YR5/8). Mede 0,208 m de altura, 0,099 m de diâmetro no bordo, 0,155 m de diâmetro máximo no bojo, 0,073 m de diâmetro no fundo e 0,009 m de espessura média.

8. Jarro (MNA n.º 16954). Oferece corpo de forma ovóide e assenta em fundo côncavo. O colo é alto e o bordo extrovertido com lábio aplanado. Faltando-lhe a asa e porção do bordo.

A superfície externa oferece quatro caneluras na parte superior do colo e, uma na demarcação entre o colo e o bojo. O bojo apresenta, uma incisão horizontal ondulada seguida de três incisões rectilíneas paralelas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino e médio. O núcleo das paredes é de cor castanha clara (7.5YR6/4). Mede 0,218 m de altura total, 0,111 m de diâmetro no bordo, 0,165 m de diâmetro no bojo, 0,082 m de diâmetro no fundo e 0,007 m de espessura média.

9. Jarro (MNA n.º 16943) quase completo, faltando-lhe a asa e parte do bordo. Oferece corpo de forma globular e assenta em fundo plano. O colo é alto e o bordo simples com bico trilobado. No arranque da extremidade superior da asa verifica-se pequena incisão.

A superfície externa oferece duas caneluras na extremidade superior da asa; na extremidade inferior uma incisão rectilínea, na demarcação entre o colo e o bojo e, outra sob a demarcação de extremidade inferior da asa.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes é de cor cinzenta (5Y6/1). Mede 0,261 m de altura, 0,133 m de diâmetro no bordo, 0,180 m de diâmetro máximo no bojo, 0,10 m de diâmetro no fundo e 0,008 m de espessura média.

Observações: Junto ao arranque superior da asa apresenta um pequeno fragmento de ferro na pasta.

10. Jarro (MNA n.º 16952). Oferece corpo de forma ovóide e assenta em fundo côncavo. O colo é alto e o bordo ligeiramente extrovertido com lábio aplanado. Faltando-lhe parte do bordo, do colo e do bojo. Asa vertical, de secção rectangular, com a extremidade superior fixada no colo e, a extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece uma canelura junto à extremidade superior da asa e, motivo inciso destacado em cordão horizontal de pequenos círculos, na demarcação entre o colo e o bojo. Sob este, mostra uma incisão horizontal ondulada.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão médio. O núcleo das paredes é de cor castanha clara avermelhada (5YR6/4).

Mede 0,237 m de altura, 0,099 m de diâmetro no bordo, 0,168 m de diâmetro máximo no bojo, 0,076 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

11. Jarro (MNA n.º 16931). Oferece corpo de forma ovóide alongada e assenta em fundo plano. Faltando-lhe a asa, o bordo e parte do colo.

A superfície externa oferece: na parte superior do bojo, caneluras largas e paralelas alternadas por um motivo ondulado e, na parte inferior três incisões rectilíneas horizontais e paralelas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino. O núcleo das paredes é de cor cinzenta clara (2.5Y7/2). Mede 0,211 m de altura, 0,083 m de diâmetro no colo, 0,162 m de diâmetro máximo no bojo, 0,09 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

12. Jarro (MNA n.º 16956). Oferece corpo de forma ovóide alongada e assenta em fundo plano. O bordo é extrovertido com lábio aplanado superiormente, faltando-lhe parte do bordo, do colo e o bico vertedor. Asa vertical, de secção rectangular, com a extremidade superior fixada no colo e, a extremidade inferior num ponto do bojo. Apresenta decoração por puncionamento de pequenos círculos junto ao arranque superior e, na curva da asa.

A superfície externa tem três caneluras entre o bordo e a extremidade superior da asa e, duas incisões rectilíneas e paralelas no bojo.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino e médio. O núcleo das paredes é de cor castanha clara avermelhada (5YR6/4). Mede 0,242 m de altura total, 0,103 m de diâmetro no bordo, 0,130 m de diâmetro máximo no bojo, 0,091 m de diâmetro no fundo e 0,004 m de espessura média.

13. Jarro (MNA n.º 16920). Apresenta corpo de forma ovóide alongada e assenta em fundo plano. Faltando-lhe a asa, o bordo e porção do colo.

A superfície externa oferece decoração incisa organizada verticalmente, no bojo, de um motivo vegetalista, tipo palmeta, alternado por cordões plásticos com impressão de pequenos motivos circulares.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes é de cor cinzenta (7.5YR5/0). Mede 0,171 m de altura, 0,079 m de diâmetro no colo, 0,143 m de diâmetro máximo no bojo, 0,081 m de diâmetro no fundo e 0,008 m de espessura média.

14. Jarro (MNA n.º 16949), quase completo, faltando-lhe parte do bordo e do colo. Oferece corpo de forma globular e assenta em fundo plano. O colo é alto e, o bordo espessado e extrovertido com lábio biselado. Asa vertical, de secção rectangular, com a extremidade superior fixada a meio do colo e a extremidade inferior no bojo.

A superfície externa oferece uma canelura sobre a extremidade superior da asa. O bojo apresenta duas séries de duas incisões e uma de três, ambas rectilíneas e paralelas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino e médio. O núcleo das paredes é de cor cinzenta (5Y5/1). Mede 0,241 m de altura, 0,094 m de diâmetro no bordo, 0,165 m de diâmetro máximo no bojo, 0,093 m de diâmetro no fundo e 0,008 m de espessura média.

15. Jarro (MNA n.º 16942). Oferece corpo de forma ovóide alongada e assenta em fundo plano. O colo é alto. Faltando-lhe a asa, o bordo e parte do colo.

A superfície externa oferece junto à indicação do bordo duas caneluras e, pintura a branco, organizada horizontalmente, na parte superior por quatro bandas onduladas alternadas por bandas lineares e, na parte inferior do bojo duas bandas lineares alternadas por duas incisões rectilíneas paralelas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino. O núcleo das paredes é de cor cinzenta clara (2.5Y7/2). Mede 0,260 m de altura, 0,085 m de diâmetro no bordo, 0,172 m de diâmetro máximo no bojo, 0,102 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

16. Jarro (MNA n.º 16918). Oferece corpo de forma ovóide achatada e assenta em fundo plano. O colo é alto e o bordo extrovertido com lábio de secção semicircular. Faltando-lhe a asa, parte do bordo e do colo.

A superfície externa oferece, junto à demarcação das extremidades superior e inferior da asa, uma canelura. Na demarcação entre o colo e o bojo apresenta motivo ondulado inciso horizontalmente, alternado por uma canelura com representação de pequenos círculos incisos.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes é de cor cinzenta muito escura (2.5YR3/0). Mede 0,175 m de altura, 0,099 m de diâmetro no bordo, 0,141 m de diâmetro máximo no bojo, 0,09 m de diâmetro no fundo e 0,004 m de espessura média.

17. Jarro (MNA n.º 16930). Apresenta corpo de forma ovóide achatada e assenta em fundo plano. Faltando-lhe a asa, o bordo e parte do colo.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino. O núcleo das paredes é de cor castanha avermelhada clara (5YR6/4). Mede 0,197 m de altura, 0,078 m de diâmetro no colo, 0,160 m de diâmetro máximo no bojo, 0,082 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

18. Jarro (MNA n.º 16917). Tem corpo de forma globular e assenta em fundo plano. Faltando-lhe a asa, o bordo e, parte do colo e do bojo.

A superfície externa oferece duas caneluras junto da extremidade superior da asa e, incisões rectilíneas paralelas no bojo.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino e quartzosos de grão grosso, assim como feldspatos de grão médio. O núcleo das paredes é de cor cinzenta (7.5YR5/0). Mede 0,210 m de altura, 0,08 m de diâmetro no colo, 0,152 m de diâmetro máximo no bojo, 0,082 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

19. Jarro (MNA n.º 16965). Oferece corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. Faltando-lhe o bordo e parte do colo. Asa vertical, de secção rectangular, com extremidade superior fixada no colo e a extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa apresenta decoração incisa, organizada horizontalmente, de três motivos ondulados alternados por motivos circulares destacados em canelura.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes é de cor castanha avermelhada (2.5YR5/4). Mede 0,205 m de altura, 0,068 m de diâmetro no colo, 0,151 m de diâmetro máximo no bojo, 0,071 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

20. Jarro (MNA n.º 16950) quase completo, faltando-lhe pequena parte do bojo. Tem corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. O colo é alto e o bordo extrovertido com lábio de secção semicircular. Asa vertical, de secção rectangular, com a extremidade superior fixada no colo e a extremidade inferior num ponto do bojo. A asa apresenta decoração por puncionamento de dois motivos verticais e paralelos.

A superfície externa oferece três caneluras entre o bordo e a demarcação do colo. Junto a esta última e, sobre o ponto que demarca a extremidade inferior da asa, oferece uma série de quatro incisões rectilíneas e paralelas e, sob esta duas incisões rectilíneas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino e feldspatos. O núcleo das paredes é de cor castanha acinzentada (10YR5/2). Mede 0,226 m de altura, 0,095 m de diâmetro no bordo, 0,160 m de diâmetro máximo no bojo, 0,095 m de diâmetro no fundo e 0,008 m de espessura média.

21. Jarro (MNA n.º 16947), quase completo, faltando-lhe pequena parte do bojo. Oferece corpo de forma ovóide achatada e assenta em fundo plano. O colo é alto e o bordo extrovertido com lábio de secção semicircular. Asa vertical, de secção rectangular, com a extremidade superior fixada junto ao bordo e, extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa apresenta uma canelura sobre a extremidade superior da asa e outra na demarcação entre o colo e o bojo. Junto a esta oferece um motivo ondulado inciso horizontalmente e, sob a extremidade inferior da asa uma série de quatro incisões rectilíneas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino e médio. O núcleo das paredes é de cor castanha clara (7.5YR6/4). Mede 0,232 m de altura, 0,088 m de diâmetro no bordo, 0,169 m de diâmetro no máximo no bojo, 0,074 m de diâmetro no fundo e 0,007 m de espessura média.

22. Jarro (MNA n.º 16927). Oferece corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. Faltando-lhe a asa, o colo e o bordo.

A superfície externa apresenta, desde a parte superior do bojo à demarcação da extremidade inferior da asa, caneluras paralelas com 0,002 m de separação entre elas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino. O núcleo das paredes é de cor cinzenta (5YR6/1). Mede 0,155 m de altura, 0,098 m de diâmetro na parte superior do bojo, 0,161 m de diâmetro máximo no bojo, 0,111 m de diâmetro no fundo e 0,007 m de espessura média.

23. Jarro (MNA n.º 16936) com corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. Faltando-lhe a asa, o bordo e parte do colo.

A superfície externa oferece motivo oval, inciso horizontalmente, junto à demarcação do colo e do bojo, a meio do bojo e, junto ao arranque da extremidade inferior da asa destacados em canelura. Entre estes dois últimos apresenta uma canelura simples.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão médio e alguns feldspatos de grão fino. O núcleo das paredes é de cor castanha avermelhada (2.5YR4/4). Mede 0,186 m de altura, 0,071 m de diâmetro no colo, 0,167 m de diâmetro máximo no bojo, 0,092 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

24. Jarro (MNA n.º 16948) quase completo, faltando-lhe parte do bordo e do colo. Apresenta corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. Bordo extrovertido com lábio aplanado superiormente. Asa vertical torcida, de secção rectangular, com a extremidade superior fixada no colo e, a extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece, quatro caneluras paralelas entre o bordo e o arranque da extremidade superior da asa. Na demarcação, do colo e bojo, apresenta seis incisões sendo quatro representadas por linhas paralelas e horizontais e, na extremidade inferior da asa uma incisão de motivo horizontal ondulado.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino e médio. O núcleo das paredes é de cor vermelha (2.5YR4/6). Mede 0,239 m de altura, 0,109 m de diâmetro no bordo, 0,176 m de diâmetro máximo no bojo, 0,082 m de diâmetro no fundo e 0,007 m de espessura média.

25. Jarro completo (MNA n.º 16964), com corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. O colo é alto e o bordo simples com lábio de secção semicircular; apresenta bico vertedor trilobado. Asa vertical, de secção rectangular, com a extremidade superior fixada no colo e, a extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece canelura sobre a extremidade superior da asa e cinco incisões na demarcação entre o colo e a extremidade inferior da asa.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino a grosso. O núcleo das paredes é de cor cinzenta (7.5YR5/0). Mede 0,179 m de altura total, 0,14 m de diâmetro no bordo, 0,148 m de diâmetro máximo no bojo, 0,102 m de diâmetro no fundo e 0,007 m de espessura média.

26. Jarro (MNA n.º 16919), com corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. O colo é alto, faltando-lhe o bordo, porção do colo e asa.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes é de cor castanha. Mede 0,188 m de

altura, 0,062 m de diâmetro no colo, 0,151 m de diâmetro máximo no bojo, 0,090 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

27. Jarro (MNA 2002.1.1). Tem corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano, faltando-lhe o bordo, o colo e a asa.

A superfície externa oferece na parte superior do bojo sete caneluras paralelas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor cinzenta. Mede 0,137 m de altura, 0,056 m de diâmetro na parte superior do bojo, 0,148 m de diâmetro máximo no bojo, 0,089 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

Observações: O bojo apresenta fissuras e manchas de fogo.

28. Jarro (n.º 16916), com corpo de forma globular e assenta em fundo plano. Faltando-lhe o bordo, a asa e parte do colo.

A superfície externa oferece uma canelura na junção entre o colo e o bojo e, três incisões rectilíneas junto à extremidade inferior da asa.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha. Mede 0,213 m de altura, 0,069 m de diâmetro máximo no bojo, 0,082 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

29. Jarro (MNA n.º 16922), com corpo de forma globular e assenta em fundo plano. O colo é alto, faltando-lhe o bordo e porção do colo. Asa vertical, de secção rectangular, com a extremidade superior fixada sob o bordo e, extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece duas caneluras junto à extremidade superior da asa. Na demarcação entre o colo e o bojo apresenta três incisões rectilíneas e paralelas e, uma incisão rectilínea sobre o arranque inferior da asa. Sob esta, duas incisões também rectilíneas paralelas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha e engobe castanho avermelhado no exterior. Mede 0,218 m de altura, 0,092 m de diâmetro sob o bordo, 0,160 m de diâmetro máximo no bojo, 0,09 m de diâmetro no fundo e 0,004 m de espessura média.

30. Jarro (MNA n.º 16909). Tem corpo de forma globular e assenta em fundo côncavo. O colo é alto e o bordo extrovertido com lábio aplanado, faltando-lhe pequena porção do bojo e do bordo. Asa vertical, de secção rectangular, com extremidade superior fixada num ponto do colo e, a extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece uma canelura junto à extremidade superior da asa e outra sobre a extremidade inferior.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino a médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha avermelhada. Mede 0,224 m de altura total, 0,105 m de diâmetro no bordo, 0,143 m de diâmetro máximo no bojo, 0,084 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

Observações: Encontra-se fracturado desde o bordo ao fundo.

31. Jarro (MNA n.º 16946). Oferece corpo de forma globular e assenta em fundo plano. O colo é alto, faltando-lhe o bordo, a asa, porção do colo e do bojo.

A superfície externa oferece duas caneluras junto à demarcação do arranque superior da asa. O bojo apresenta duas séries de incisões rectilíneas pouco profundas: com três incisões junto à demarcação entre o colo e o bojo e, com seis incisões sob a demarcação do arranque inferior da asa.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor cinzenta clara. Mede 0,257 m de altura, 0,099 m de diâmetro no colo, 0,174 m de diâmetro máximo no bojo, 0,095 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

Observações: Apresenta fissuras e concreções no bojo.

32. Jarro (MNA n.º 16933), com corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. O colo é alto, faltando-lhe a asa, o bordo e parte do colo.

A superfície externa oferece uma canelura na demarcação do arranque superior da asa e no bojo duas séries de incisões rectilíneas. Sob a demarcação do arranque inferior da asa tem uma incisão mais larga.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor castanha acinzentada. Mede 0,217 m de altura, 0,079 m de diâmetro no colo, 0,160 m de diâmetro máximo no bojo, 0,087 m de diâmetro no fundo e 0,007 m de espessura média.

Observações: Apresenta manchas de fogo.

33. Jarro (MNA n.º 16923). Apresenta corpo de forma globular e assenta em fundo plano, faltando-lhe o bordo, a asa, porção do colo e do bojo.

A superfície externa oferece, duas séries de incisões rectilíneas: duas incisões sobre o arranque inferior da asa e três incisões sob este.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino a médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha avermelhada. Mede 0,207 m de altura, 0,079 m de diâmetro no colo, 0,164 m de diâmetro máximo no bojo, 0,087 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

34. Jarro (MNA 2002.1.2). Oferece corpo de forma globular e assenta em fundo plano. O bordo é ligeiramente extrovertido com lábio aplanado, faltando-lhe a asa, porção do bordo e do colo.

A superfície externa apresenta duas caneluras no colo e, três séries de quatro incisões rectilíneas paralelas no bojo.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor castanha. Mede 0,208 m de altura total, 0,081 m de diâmetro no bordo, 0,144 m de diâmetro no bojo, 0,076 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

Observações: Apresenta fissuras no bojo.

35. Jarro (MNA n.º 16906), com corpo de forma ovóide achatada e assenta em fundo plano. O colo é alto e o bordo extrovertido com lábio aplanado superiormente. Faltando-lhe porção do colo e do bordo. Asa vertical, de secção rectangular, com extremidade superior fixada no colo e, extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece duas incisões largas na extremidade superior da asa e, na demarcação entre o colo e o bojo.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor vermelha. Mede 0,187 m de altura total, 0,093 m de diâmetro no bordo, 0,135 m de diâmetro máximo no bojo, 0,082 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

Observações: Apresenta manchas de fogo.

36. Jarro (MNA n.º 16912). Oferece corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. O colo é alto e, o bordo simples com lábio de secção semicircular com bico vertedor trilobado. Faltando-lhe porção do bordo e a asa.

A superfície externa apresenta decoração de pequenas incisões verticais, dispostas horizontalmente, na demarcação entre o colo e o bojo. Sob estas, tem dois cordões com impressão de motivos circulares.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor cinzenta. Mede 0,175 m de altura total, 0,111 m de diâmetro no bordo, 0,125 m de diâmetro máximo no bojo, 0,088 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

37. Jarro (MNA n.º 16953). Oferece corpo de forma globular e assenta em fundo plano. O colo é alto e o bordo extrovertido com lábio aplanado superiormente. Faltando-lhe porção do bordo e

do colo. Asa vertical, de secção rectangular, com extremidade superior fixada no colo e, extremidade inferior num ponto do bojo. A asa apresenta na extremidade inferior uma cruz incisa.

A superfície externa tem, no colo, uma canelura junto à asa e, no bojo incisões rectilíneas paralelas de 0,005 m.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor castanha avermelhada. Mede 0,233 m de altura total, 0,106 m de diâmetro no bordo, 0,160 m de diâmetro máximo no bojo, 0,080 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

Observações: Apresenta concreções.

38. Jarro (MNA n.º 16938), com corpo de forma globular e assenta em fundo plano, faltando-lhe o bordo e parte do colo. Asa vertical, de secção rectangular, com a extremidade superior fixada num ponto do colo e, a extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece duas incisões lineares horizontais, na demarcação, entre o colo e o bojo; uma canelura sobre a extremidade inferior da asa e três incisões rectilíneas sob esta.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha clara. Mede 0,213 m de altura, 0,068 m de diâmetro no colo, 0,160 m de diâmetro máximo no bojo, 0,092 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

Observações: Apresenta concreções.

39. Jarro (MNA n.º 16928). Apresenta corpo de forma globular e assenta em fundo plano. O colo é alto e o bordo simples de secção semicircular, faltando-lhe porção do colo e do bordo. Asa vertical, de secção rectangular, com extremidade superior fixada num ponto do colo e, extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece canelura junto à extremidade superior da asa; na junção entre o colo e o bojo; sobre a extremidade inferior da asa. Sobre a canelura da extremidade inferior da asa apresenta decoração de motivo ondulado inciso horizontalmente e sob esta uma incisão rectilínea.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha. Mede 0,255 m de altura total, 0,114 m de diâmetro no bordo, 0,168 m de diâmetro máximo no bojo, 0,085 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

Observações: Apresenta concreções.

40. Jarro (MNA 2002.1.3). Oferece corpo de forma globular e assenta em fundo plano. Colo alto, faltando-lhe porção deste e o bordo. Asa vertical, de secção rectangular, com extremidade superior fixada num ponto do colo e, extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa apresenta três caneluras junto ao arranque da extremidade superior da asa.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino a médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha clara. Mede 0,183 m de altura, 0,078 m de diâmetro junto ao bordo, 0,120 m de diâmetro máximo no bojo, 0,065 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

41. Bilha (MNA n.º 16941). Oferece corpo de forma ovóide achatada e assenta em fundo plano, faltando-lhe porção do colo, a asa e o bordo.

A superfície externa apresenta duas caneluras na junção entre o colo e o bojo, uma canelura sobre o arranque inferior da asa e, sob esta, sete incisões rectilíneas paralelas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio e, alguns feldspatos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor castanha avermelhada clara. Mede 0,187 m de altura, 0,052 m de diâmetro no colo, 0,165 m de diâmetro máximo no bojo, 0,096 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

Observações: Apresenta muitas concreções.

42. Jarro (MNA n.º 16915), com corpo de forma globular e assenta em fundo plano, faltando-lhe o colo, o bordo e a asa.

A superfície externa oferece canelura junto à extremidade superior da asa; na junção entre o colo e o bojo; sobre a demarcação da extremidade inferior da asa.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor cinzenta clara. Mede 0,190 m de altura, 0,075 m de diâmetro no colo, 0,160 m de diâmetro máximo no bojo, 0,092 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

Observações: Apresenta muitas concreções e manchas de fogo.

43. Jarro (MNA n.º 16957). Oferece corpo de forma globular e assenta em fundo plano. O colo é alto, faltando o bordo, porção do colo e da asa. Asa vertical, de secção rectangular, com a extremidade superior fixada num ponto do colo e demarcação da extremidade inferior no bojo.

A superfície externa apresenta motivo ondulado inciso disposto horizontalmente no bojo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha acinzentada. Mede 0,234 m de altura, 0,102 m de diâmetro no colo, 0,170 m de diâmetro máximo no bojo, 0,090 m de diâmetro no fundo e 0,007 m de espessura média.

44. Jarro (MNA n.º 16958), com corpo de forma ovóide e assenta em fundo côncavo. O colo é alto com bico vertedor trilobado, faltando-lhe a asa, o bordo e porção do colo.

A superfície externa oferece duas caneluras junto ao arranque superior da asa e, sobre estas, foi efectuada perfuração circular simétrica nos dois lados da peça. Na demarcação entre o colo e o bojo oferece incisão rectilínea.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor cinzenta. Mede 0,223 m de altura, 0,128 m de diâmetro no bordo, 0,115 m de diâmetro máximo no bojo, 0,110 m de diâmetro no fundo e 0,009 m de espessura média.

45. Jarro (MNA n.º 16944). Oferece corpo de forma globular e assenta em fundo plano. O bordo é extrovertido com lábio semicircular. Faltando-lhe porção do bordo, do colo e do bojo. Asa vertical, de secção rectangular, com extremidade superior fixada no colo e extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa tem três caneluras sobre a extremidade superior da asa. Na junção entre o colo e o bojo apresenta motivo oval e inciso destacado em canelura, sob esta, apresenta uma série de incisões rectilíneas paralelas. Junto à extremidade inferior da asa oferece motivo ondulado inciso horizontal, seguido de uma série de seis incisões rectilíneas pouco demarcadas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha acinzentada. Mede 0,260 m de altura total, 0,110 m de diâmetro junto ao bordo, 0,175 m de diâmetro máximo no bojo, 0,090 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

46. Jarro (MNA n.º 16959), com corpo de forma ovóide alongada e assenta em fundo côncavo, faltando-lhe o bordo e porção do colo. Asa vertical torcida, de secção oval, com extremidade superior fixada num ponto do colo e extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece duas caneluras sob a extremidade superior da asa. O bojo apresenta incisões onduladas seguidas de pequenas incisões ovais destacadas em canelura. Sobre o arranque inferior da asa apresenta canelura com motivo oval inciso e, sob este, motivo ondulado e ovalado ambos dispostos horizontalmente.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor castanha. Mede 0,228 m de altura, 0,070 m de diâmetro no colo, 0,155 m de diâmetro máximo no bojo, 0,082 m de diâmetro no fundo e 0,007 m de espessura média.

47. Jarro (MNA n.º 16905), com corpo de forma ovóide alongada e assenta em fundo plano. Faltando-lhe o bordo, porção do colo e da asa. Asa vertical torcida, de secção oval, com extremidade superior fixada num ponto do colo e, demarcação da extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece, entre a extremidade superior e a extremidade inferior da asa, caneluras largas e, sobre estas, incisões rectilíneas paralelas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor castanha. Mede 0,210 m de altura, 0,055 m de diâmetro na extremidade superior do colo, 0,140 m de diâmetro máximo no bojo, 0,072 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

48. Jarro (MNA n.º 16925). Apresenta corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. O colo é alto, faltando porção deste, o bordo e a asa.

A superfície externa oferece canelura na extremidade superior da asa e três incisões rectilíneas no bojo.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha avermelhada clara. Mede 0,233 m de altura, 0,085 m de diâmetro no colo, 0,165 m de diâmetro máximo no bojo, 0,099 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

Observações: apresenta algumas concreções.

49. Púcaro (MNA n.º 16914). Oferece corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. O bordo é extrovertido de secção semicircular, faltando-lhe a asa.

Foi fabricado com pasta heterogénea e porosa, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos e, feldspatos de grão fino a médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha avermelhada. Mede 0,144 m de altura total, 0,097 m de diâmetro no bordo, 0,135 m de diâmetro máximo no bojo, 0,072 m de diâmetro no fundo e 0,008 m de espessura média.

Observações: Apresenta muitas concreções.

50. Jarro (MNA n.º 16903), com corpo de forma ovóide alongada e assenta em fundo plano, faltando-lhe o bordo, a asa e porção do colo.

A superfície externa oferece caneluras desde a extremidade superior do jarro ao arranque da extremidade inferior da asa.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha avermelhada clara. Mede 0,198 m de altura, 0,060 m de diâmetro na extremidade superior do jarro, 0,150 m de diâmetro máximo no bojo, 0,083 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

51. Jarro (MNA n.º 16908). Oferece corpo de forma ovóide alongada e assenta em fundo plano. Faltando-lhe o bordo, a asa, porção do colo e do bojo. O colo apresenta indício de bico vertedor com aplicação de três mamilos.

A superfície externa apresenta motivo oval inciso sobre cordão plástico horizontal, dos quais, cinco são representados no colo e três no bojo.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor castanha acinzentada. Mede 0,274 m de altura, 0,090 m de diâmetro no colo, 0,170 m de diâmetro máximo no bojo, 0,099 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

52. Jarro (MNA n.º 16907), com corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano. O colo é alto, faltando porção do colo e do bojo e, o bordo. Asa vertical, de secção rectangular, com extremidade superior fixada num ponto do colo e, extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece dez caneluras horizontais e paralelas de 0,003 m de largura sobre a extremidade inferior da asa.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor castanha avermelhada. A superfície externa oferece engobe castanho escuro. Mede 0,188 m de altura, 0,090 m de diâmetro sob o bordo, 0,145 m de diâmetro máximo no bojo, 0,072 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

53. Jarro (MNA n.º 16940). Oferece corpo de forma ovóide alongada e assenta em fundo plano. Faltando-lhe o bordo, a asa e porção do colo.

A superfície externa apresenta caneluras largas, algumas das quais, com incisões ovais e/ou onduladas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor vermelha. Mede 0,177 m de altura, 0,070 m de diâmetro no colo, 0,150 m de diâmetro máximo no bojo, 0,087 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

Observações: Apresenta concreções.

54. Jarro (MNA n.º 16921). Tem corpo de forma globular e assenta em fundo plano, faltando-lhe porção do bordo e do colo. Bordo ligeiramente introvertido com lábio aplanado. Asa vertical, de secção circular, com extremidade superior fixada num ponto do colo e extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece motivo decorativo ondulado inciso horizontalmente na junção entre o colo e o bojo, sob este, apresenta motivo tipo vegetalista seguido de um motivo ondulado inciso.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor castanha. Mede 0,190 m de altura total, 0,085 m de diâmetro no bordo, 0,125 m de diâmetro máximo no bojo, 0,065 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

Observações: Apresenta fissuras.

55. Jarro (MNA n.º 16963). Oferece corpo de forma globular e assenta em fundo plano, faltando-lhe o bordo e porção do colo. Asa vertical torcida, de secção circular, com extremidade superior fixada num ponto do colo e, a extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa apresenta canelura junto à extremidade superior da asa, seguindo-se da representação de quatro motivos ondulados incisos sobre dois motivos rectilíneos incisos, na extremidade inferior da asa.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino e médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha. Mede 0,200 m de altura, 0,089 m de diâmetro no colo, 0,157 m de diâmetro máximo no bojo, 0,090 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

56. Jarro (MNA n.º 16924), com corpo de forma globular e assenta em fundo plano, faltando-lhe o bordo, porção do colo e da asa. Asa vertical, de secção rectangular, com extremidade superior fixada num ponto do colo e demarcação da extremidade inferior num ponto do bojo.

A superfície externa oferece, na demarcação entre o colo e o bojo, perfuração circular simétrica nos dois lados da peça e uma incisão rectilínea: na junção entre o colo e o bojo; sobre a demarcação da extremidade inferior da asa e, sob esta, mas pouco profunda.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor cinzenta acastanhada. Mede 0,229 m de altura, 0,074 m de diâmetro no colo, 0,170 m de diâmetro máximo no bojo, 0,106 m de diâmetro no fundo e 0,007 m de espessura média.

Observações: Apresenta fissuras e manchas de fogo.

57. Jarro (MNA n.º 16966). Oferece corpo de forma ovóide e assenta em fundo plano, faltando-lhe o bordo, porção do colo e do bojo. Asa vertical, de secção rectangular, com extremidade superior fixada num ponto do colo e, extremidade inferior num ponto do bojo. A asa apresenta decoração por incisão.

A superfície externa apresenta canelura na extremidade superior da asa e, decoração de seis incisões rectilíneas e paralelas junto à demarcação inferior da asa.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino a médio. O núcleo das paredes apresenta cor castanha. Mede 0,180 m de altura, 0,080 m de diâmetro no colo, 0,155 m, de diâmetro máximo no bojo, 0,094 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

Observações: Apresenta concreções.

58. Jarro (MNA n.º 16937). Oferece corpo de forma globular e assenta em fundo plano, faltando-lhe a asa, o bordo e porção do colo.

A superfície externa tem perfuração nos dois lados da peça, de um pequeno círculo simétrico na demarcação entre o colo e o bojo, sob este, apresenta incisão linear. Sobre a extremidade inferior da asa apresenta canelura com pequenas incisões ovais e, sob esta, uma canelura simples.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor castanha avermelhada. Mede 0,199 m de altura, 0,074 m de diâmetro no colo, 0,162 m de diâmetro máximo no bojo, 0,088 m de diâmetro no fundo e 0,005 m de espessura média.

Observações: Apresenta concreções.

59. Jarro (MNA n.º 16932). Oferece corpo de forma globular e assenta em fundo plano, faltando-lhe a asa, porção do bordo e do colo. Bordo ligeiramente extrovertido com lábio semicircular.

A superfície externa apresenta, sobre o arranque superior da asa, motivo ondulado inciso horizontalmente e sob este uma canelura. Na demarcação entre o colo e o bojo, decoração de dois motivos ovais incisos orientados horizontalmente, separado por uma incisão rectilínea, seguindo-se seis incisões rectilíneas e paralelas. Sob a demarcação da extremidade inferior da asa apresenta quatro incisões rectilíneas e paralelas.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos de grão fino. O núcleo das paredes apresenta cor cinzenta escura. Mede 0,213 m de altura, 0,095 m de diâmetro no colo, 0,143 m de diâmetro máximo no bojo, 0,086 m de diâmetro no fundo e 0,006 m de espessura média.

Observações: Apresenta manchas de fogo.

Bibliografia

ALARCÃO, J. (1974) – Cerâmica Comum Local e Regional de Conímbriga. *Biblos*. Coimbra. 8 (Suplemento), p.112-132

ALMEIDA, C. A. F.; SOEIRO, T.; ALMEIDA, C. B. BAPTISTA, A. (1981) – Escavações arqueológicas em Santo Estevão da Facha. *Arquivo de Ponte de Lima*. Ponte de Lima. 3. (separata).

ALMEIDA, F. (1956) – *Egitânia: História e Arqueologia*. Lisboa: Junta de província da Beira Baixa.

ALMEIDA, F. (1962) – A Arte visigótica em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova Série IV, p. 8-406.

ALMEIDA, F. (1977) – *Ruínas de Idanha-a-Velha*. Lisboa: Neogravura.

ARELLANO, O. L. [et. al] (1994) – El monasterio de San Vicente de Alcozar (Soria): Aproximación a su realidad histórica. *Numantia. Arqueología en Castilla y León*. Soria. 6, p. 167-169.

ARGÜELLO, J.; SUÁREZ SARO, A. (1992) – Conjunto Cerámico Medieval de San Salvador de Valdediós. In *Actas do III Congreso de Arqueología Medieval Española. II comunicaciones*. Oviedo: Universidad. p. 219-225.

BARROCA, M. (1987) – *Cerâmica Medieval no Noroeste de Portugal (séculos XI-XV)*. Porto. Texto policopiado

BARROCA, M. (1988) – A ocupação medieval em castelo de Matos: Primeira abordagem. *Arqueologia*. Porto. 17, p. 159-171.

- BARROCA, M. ; MORAIS, A. (1986) – A Terra e o Castelo: uma experiência arqueológica em Aguiar da Pena. *Portugália*. Porto. Nova Série. 4/6, p. 35-87.
- BAZZANA, A. (1979) – Céramiques Médiévales: Les Méthodes de la Description Analytique, Appliquées aux productions de L'Espagne Orientale. In *Mélanges de la Casa de Velazquez*. Paris. XV, p. 148-185.
- BOHIGAS ROLDAN, R., GARCÍA CAMINO, I. (1991) – Las cerâmicas medievales del Norte y Noroeste de la Península Ibérica. Rasgos comunes y diferencias regionales. In *Actas do IV congresso internacional: A cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico, p. 69-86.
- CARVALHO, R. (1991) – Cerâmicas medievais do Museu de Francisco Tavares Proença Jr. In *Actas do IV Congresso Internacional: A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico, p. 557-560.
- C.E.V.P.P. (1991) – Cerâmica de época visigoda na Península Ibérica, Precedentes e perduraciones. In *Actas do IV Congresso Internacional: A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico, p. 49-68.
- CORTE-REAL, A. (1996) – Estação Arqueológica de Idanha-a-Velha: acções desenvolvidas pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro no âmbito do estudo, conservação e valorização do sítio (1987-1990). *Materiais*. Castelo Branco. S. 2, 0, p. 21-28.
- D'ANGELO, F. (1980) – La ceramica nell' archeologia urbana: Palermo nel basso medioevo. In *La céramique médiévale en Méditerranée Occidentale X – XV siècle*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique. p. 175-179 (Colloques Internationaux; 584).
- DORDIO, P.; LIMA, A. (1998) – Introdução: Breve relatório para um debate. In *Actas das IIª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal. p. 461-463.
- ENCINAS, M.; GARCÍA CARRILLO, A. (1992) – Aportaciones al conocimiento de la transición del mundo romano medieval en Asturias: las cerâmicas de Murias de Beloño y de Paraxuga. In *Actas do III Congreso de Arqueología Medieval Española. II comunicaciones*. Oviedo: Universidad. p. 131-139.
- ESCLUDERO CHICO, J. (1989) – Aproximación a los estudios de cerâmica Medieval en la Provincia de Valladolid. In *La cerâmica Medieval en el Norte y Noroeste de la Península Ibérica. Aproximación a su Estudio*. León: Universidad. p. 155-160.
- ESTRADA GARCÍA, R.; GARCÍA DE CASTRO, C.; VILLA VALDÉS, A. (1992) – Hallazgo de cerâmicas medievales en el concejo de Sariego (Asturias). In *Actas do III Congreso de Arqueología Medieval Española: II comunicaciones*. Oviedo: Universidad. p. 243-250.
- FARIÑA BUSTO, F.; SUAREZ OTERO, J. (1988) – Arqueoloxia Medieval en Galicia: Unha Aproximacion. In *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (proto-história, Romanização, Idade Média)*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. 2, p. 49-77.
- FONTES, L. (1987) – Salvamento Arqueológico de Dume: Primeiros resultados. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. S. 2, 4, p. 111-148.
- FONTES, L.; GASPAR, A. (1997) – Cerâmica da região de Braga na transição da Antiguidade Tardia para a Idade Média. In *VI Colloque international sur la céramique médiévale en Méditerranée*. Aix-en-Provence: Association internationale pour l'étude de la céramique Médiévale en Méditerranée. p. 203-212.
- FRANCOVICH, R. ; VALENTI, M. (1997) – La ceramica d'uso comune in Toscana tra V – X secolo. Il passaggio tra eta Tardoantica ed Altomedioevo. In *VI Colloque international sur la céramique médiévale en Méditerranée*. Aix-en-Provence: Association internationale pour l'étude de la céramique Médiévale en Méditerranée. p. 129-137.

- GARCÍA GUINEA, M. (1966) – Sobre cerâmicas alto-medievales de la Meseta Norte y Cantabria. In *IX Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: Universidad. p. 415-418.
- GASPAR, A. (1985) – Escavações arqueológicas na rua de N. Sr.ª do Leite. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. S. 2. 2, p. 66-95.
- GASPAR, A. (1995) – Cerâmicas Medievais de Braga. In *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. 8, p. 253-260.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1998) – Cerâmicas dos séculos XV a XVII da Praça Cristóvão Colombo no Funchal (Catálogo das Cerâmicas). In *Actas das IIª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal. p. 321-342.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J. A.; BENEITEZ GONZÁLEZ, C. (1997) – Aportaciones al repertorio cerámico Bajo-medieval castellano-leones: las producciones de Valencia de Don Juan. In *VI colloque international sur la céramique Médiévale en Méditerranée*. Aix-en-Provence: Association internationale pour l'étude de la céramique Médiévale en Méditerranée. p. 539-548.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J. A.; BENEITEZ GONZÁLEZ, C. (1989) – La cerâmica Medieval en León. In *La cerâmica Medieval en el Norte y Noroeste de la Península Ibérica. Aproximación a su Estudio*. León: Universidad p. 249.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J. A.; VILLANUEVA ZUBIZARRETA, O. (1998) – Cerâmica medieval en el norte de España. Balance y perspectivas (mesa redonda). In *Actas das IIª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal. p. 439-456.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J.; BOHIGAS ROLDAN, R. (coord.) (1989) – *La cerâmica Medieval en el Norte y Noroeste de la Península Ibérica. Aproximación a su Estudio*. León: Universidad. p. 303-309.
- LARREN IZQUIERDO, H.; TURINA GÓMEZ, A. (1998) – Caracterización y Tipología de la Cerâmica Medieval de la Provincia de Zamora, Siglos XI – XIV. In *Actas das IIª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal. p. 81-89.
- LLORET, S. G. (1986) – Cerâmicas comunes Altomedievales: contribución al estudio del Tránsito de la Antigüedad al Mundo Paleoisláxico en las comarcas meridionales del país Valenciano. *Lucentum*. Alicante. 5, p. 147-167.
- MATESANZ VERA, P. (1995) – La cerâmica medieval cristiana (s. XI a XIII) en el norte de Palencia: aspectos técnicos. In *Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Método e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal. p. 67-76.
- QUEIROZ, J. (1907) – *Cerâmica Portuguesa*. Lisboa: Typographia do Anuário Comercial. p. 8-11.
- REQUEJO PAGUÉS, O. (1992) – Cerâmicas Tardorromanas de la «Villa» de Murias de Paraxuga (Oviedo). In *Actas do III Congreso de Arqueología Medieval Española. II comunicaciones*. Oviedo: Universidad. p. 140-146.
- REYNOLDS, P. (1985) – Cerâmica Tardorromana modelada a mano de carácter local, regional y de importación en la provincia de Alicante. *Lucentum*. Alicante. 4, p. 245-267.
- RIBEIRO, J. H. (1986) – Cerâmica Medieval das escavações do castelo de Castelo Branco. In *II Coloquio Internacional de Cerâmica Medieval en el Mediterráneo Occidental*. [Madrid]: Ministério de Cultura. p. 277-281.
- RODRIGUES, M. (1994) – *Cerâmicas Medievais da Região de Moncorvo: Séculos XII-XIII*. Porto: Universidade do Porto. Tese de Mestrado em Arqueologia.
- RODRIGUES, M.; REBANDA, N. (1995) – Cerâmicas Medievais do Baldoeiro (Adeganha – Torre de Moncorvo). In *Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-*

-*Medieval. Método e Resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal. p. 51-66.

RODRIGUES, M.; REBANDA, N. (1998) – Cerâmicas Medievais do Povoado Desertificado de Sta. Cruz da Vilariaça. In *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal. p.101-126.

RODRIGUES, M. (1998) – Análise da bibliografia sobre cerâmica medieval do Norte e Centro de Portugal. In *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal. p. 465-467.

SALVADO, P. M. (1988) – *Elementos para a Cronologia e para a Bibliografia de Idanha-a-Velha*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal. p. 7-29.

SUAREZ OTELO, J.; GUIMERO GARCIA-LOMAS, R.; FARIÑA BUSTO, F. (1989) – La cerâmica Medieval en Galicia. In *La cerâmica Medieval en el Norte y Noroeste de la*

Península Ibérica. Aproximación a su Estudio. Léon: Universidad. p. 285-301.

TEICHNER, F. (1997) – Céramique de L'Époque de L'Ordre des Templiers Mobilier du Moyen-Age d'Idanha-a-Velha (Beira Interior – Portugal). In *VI Colloque International sur la céramique Médiévale en Méditerranée*. Aix-en-Provence: Association International pour l'étude de la céramique Médiévale en Méditerranée. p. 347-352.

TURINA GOMES, A. (1994) – Estudio de las cerâmicas medievals de el Prado de Los Llamares en Villafáfila (Zamora). *Nvmanitia*. Valladolid. 5, p. 181-196.

VASCONCELOS, J. L. (1915) – *De Campolide a Melrose: Relação de uma viagem de estudo (Filologia, Etnografia, Arqueologia)*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa. p. 62, 142-143.

WHITEHOUSE, D. (1980) – Medieval pottery in Italy: The present state of Research. In *La céramique médiévale en Méditerranée Occidentale X – XV siècles*. Paris : Centre National de la Recherche Scientifique. p. 65-72 (Colloques Internationaux; 584).

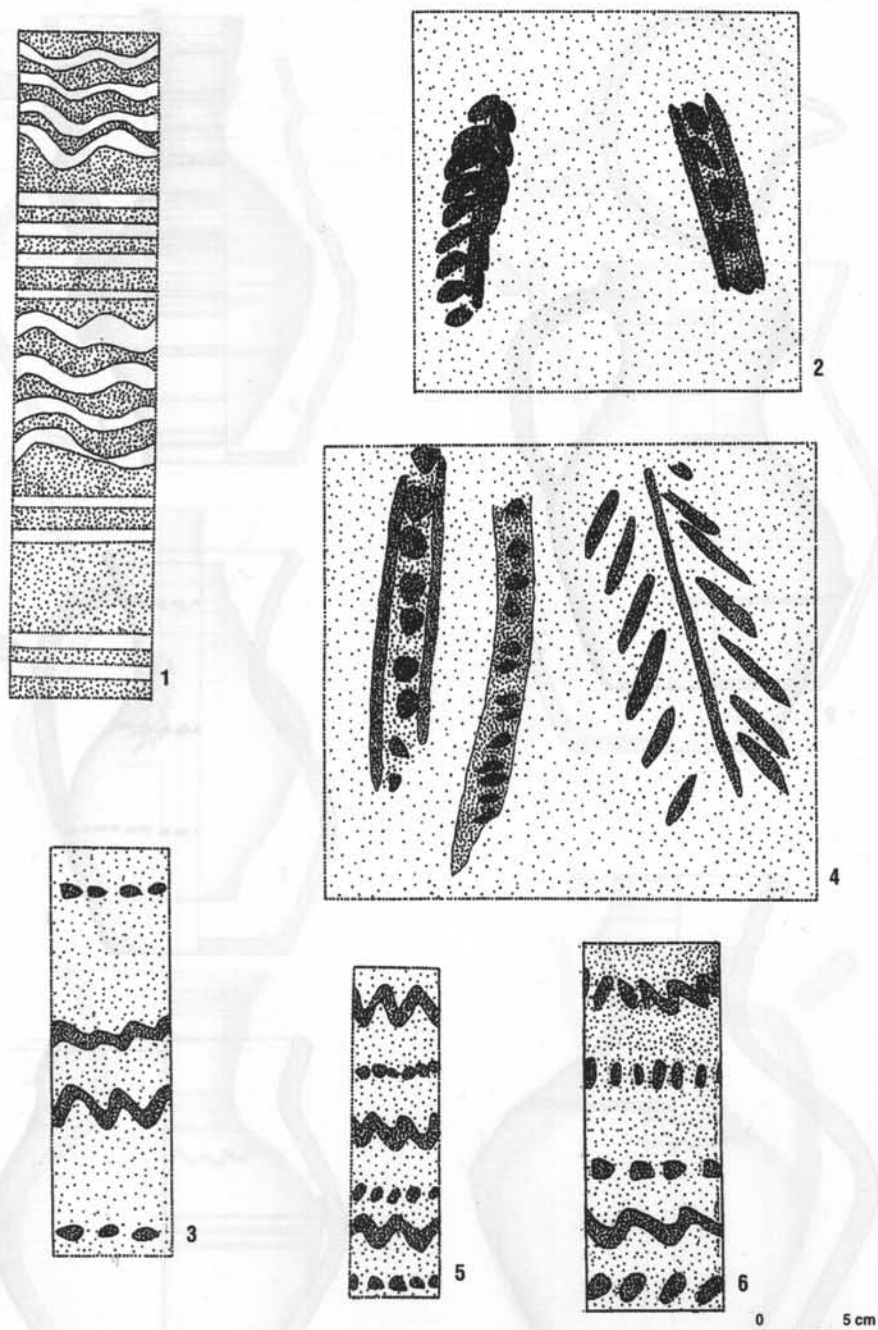
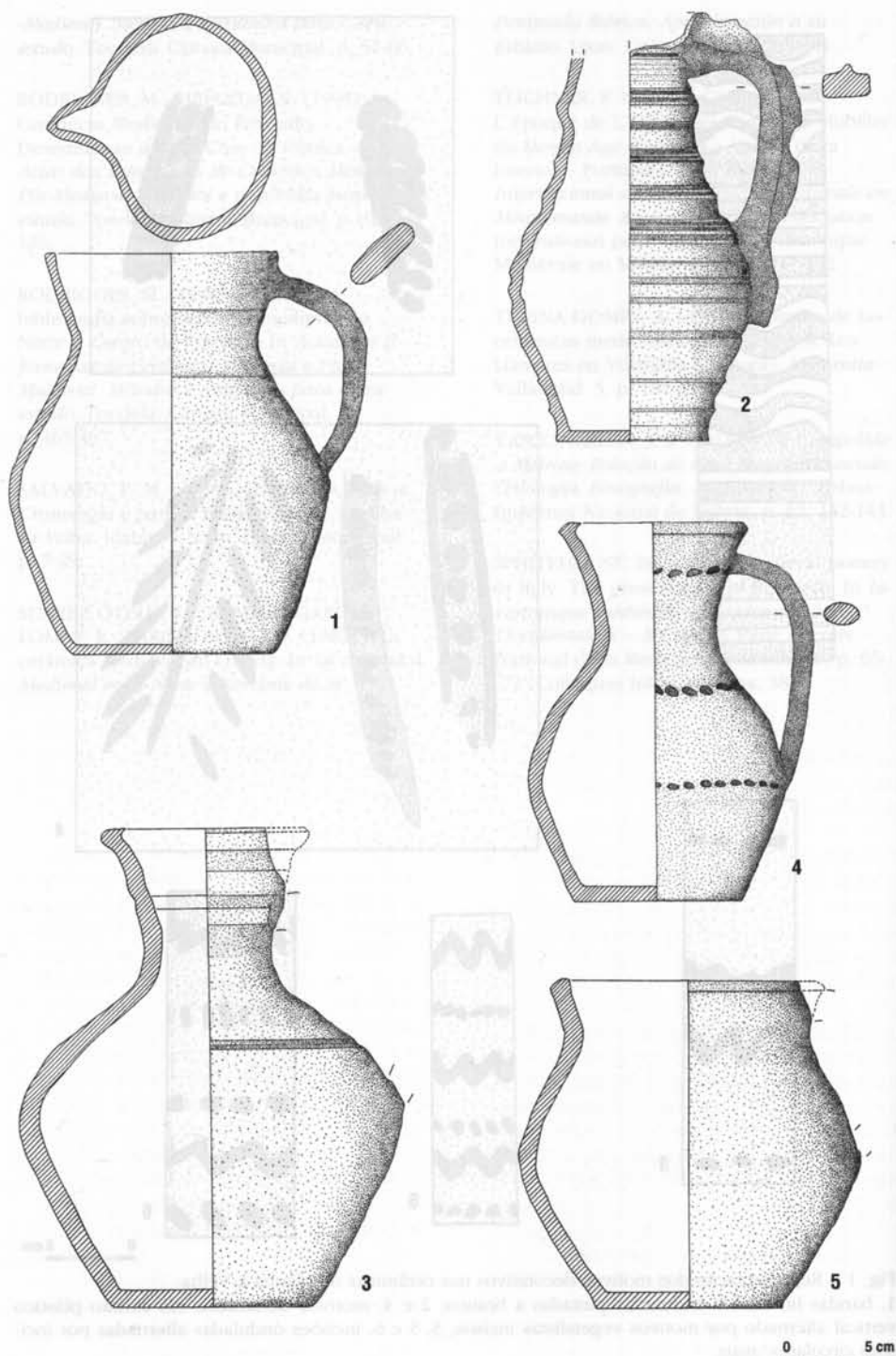
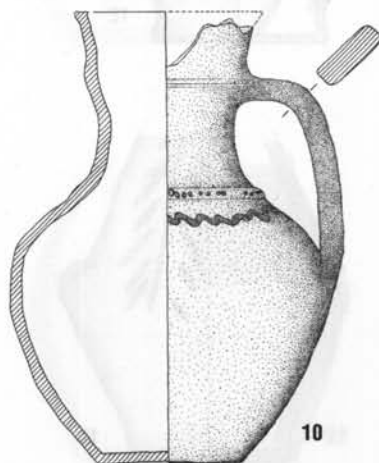
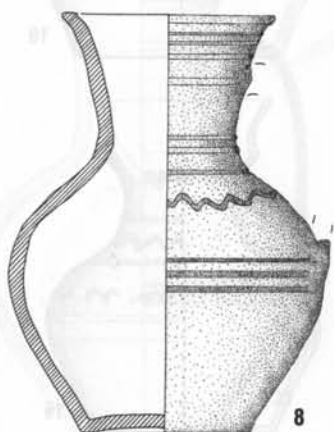
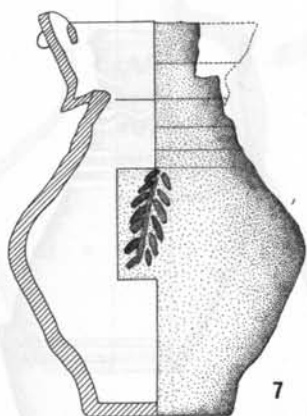
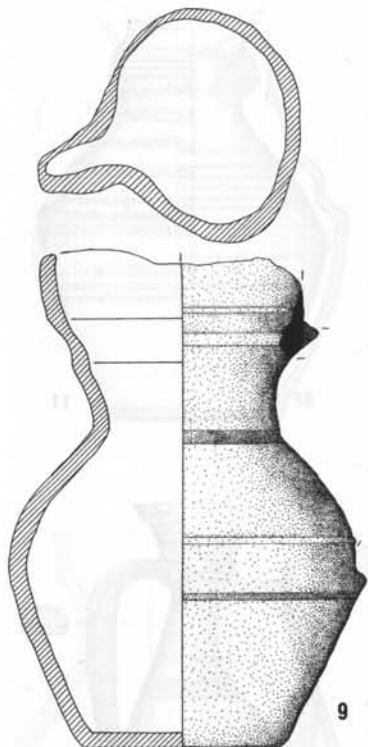
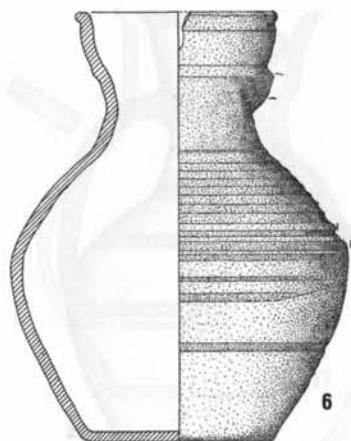


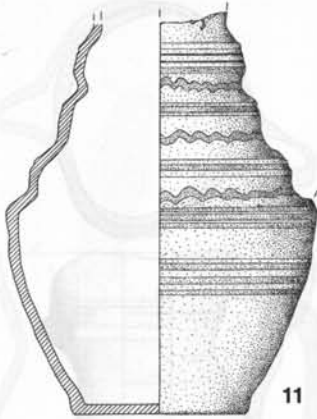
Fig. 1 – Representação dos motivos decorativos nas cerâmicas de Idanha-a-Velha:

1. bandas lineares e onduladas pintadas a branco; 2 e 4. motivos destacados em cordão plástico vertical alternado por motivos vegetalistas incisos; 3, 5 e 6. incisões onduladas alternadas por incisões circulares/ovais.

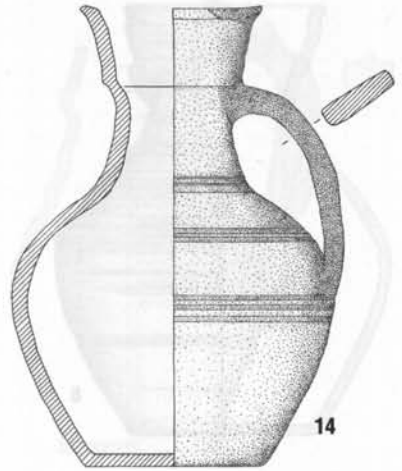




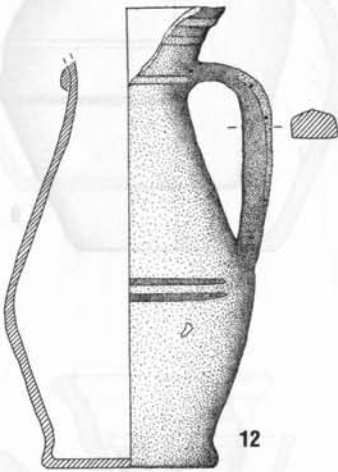
0 5 cm



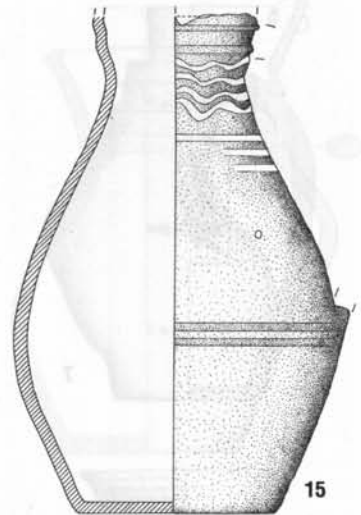
11



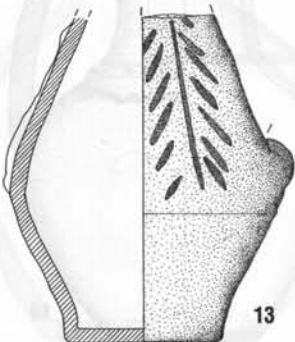
14



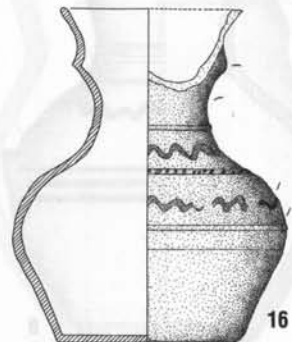
12



15

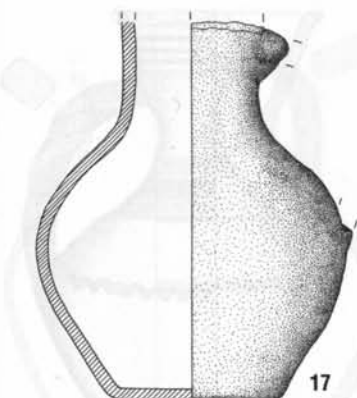


13

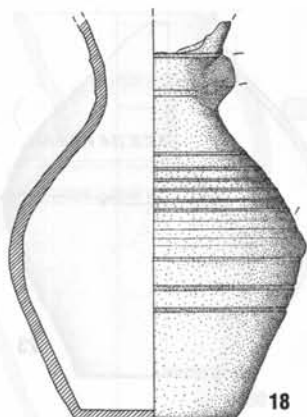


16

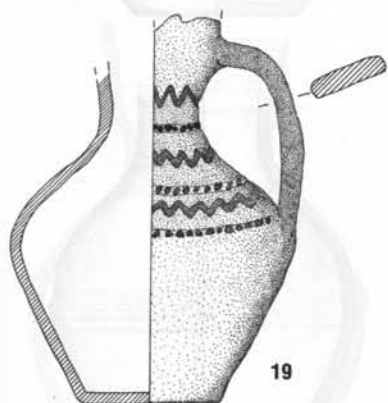
0 5 cm



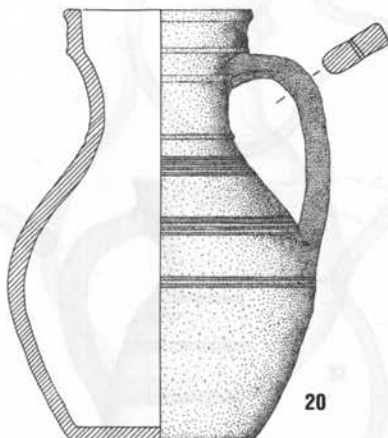
17



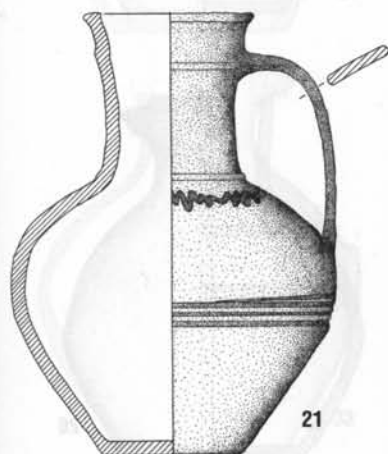
18



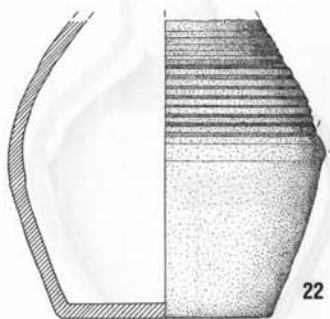
19



20

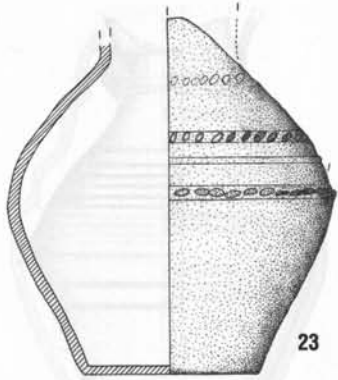


21

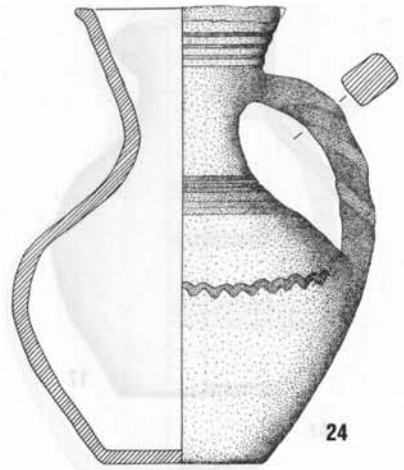


22

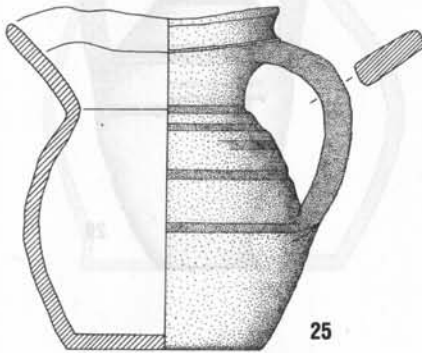
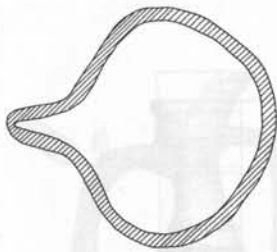
0 5 cm



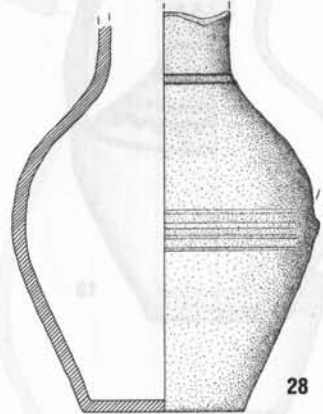
23



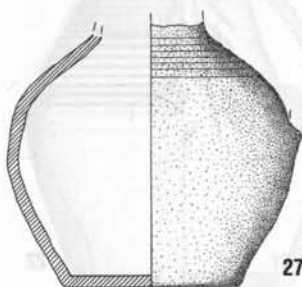
24



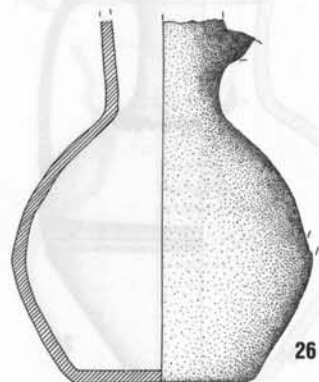
25



28

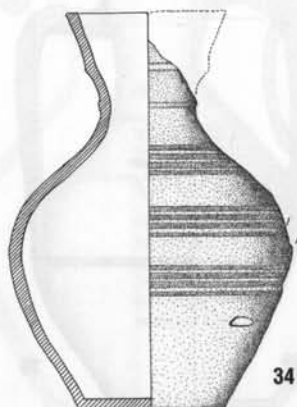
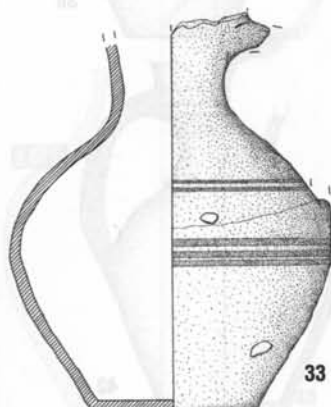
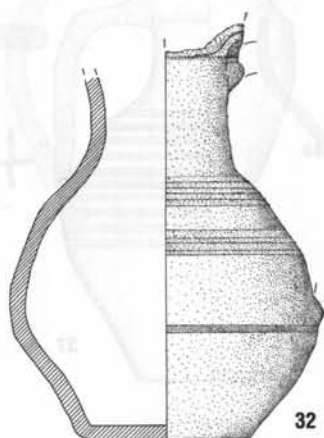
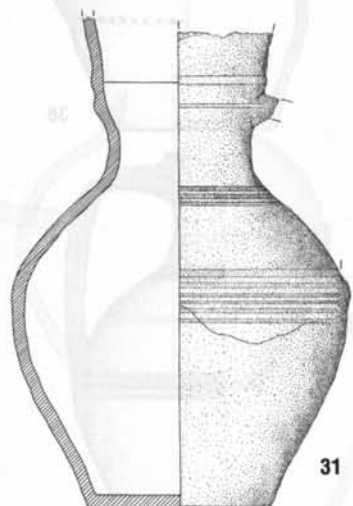
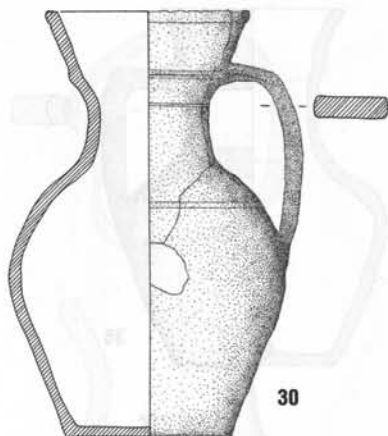
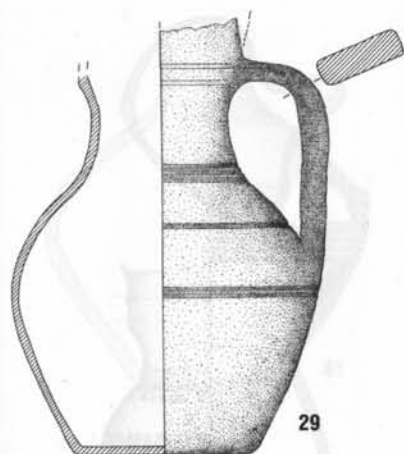


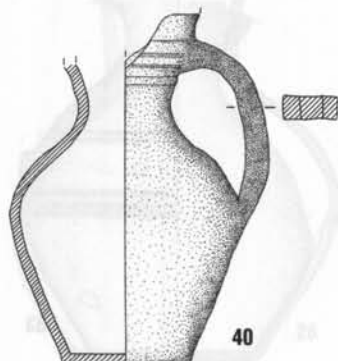
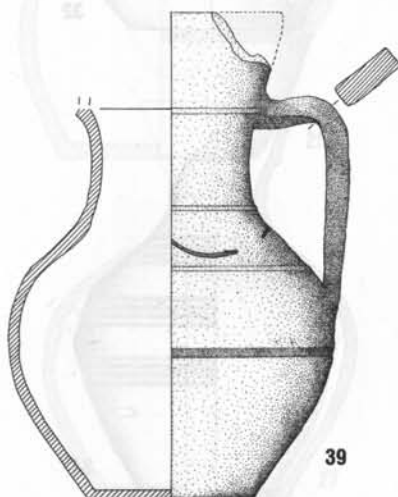
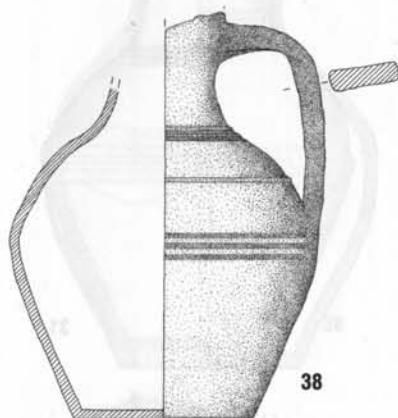
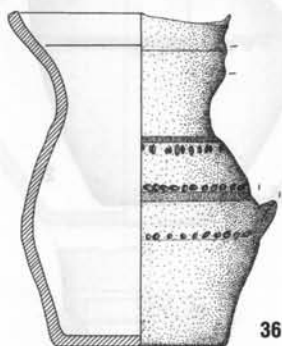
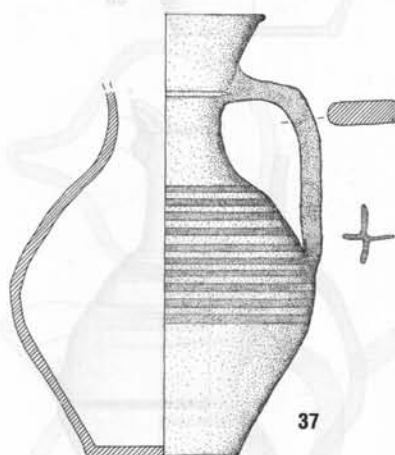
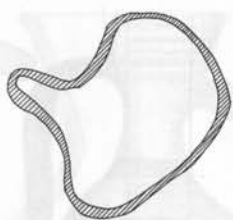
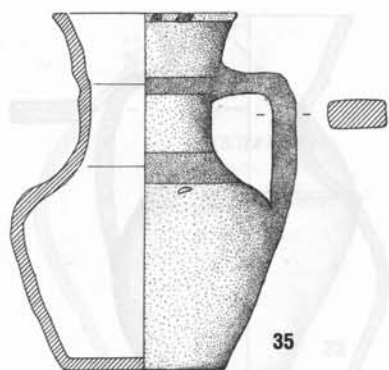
27



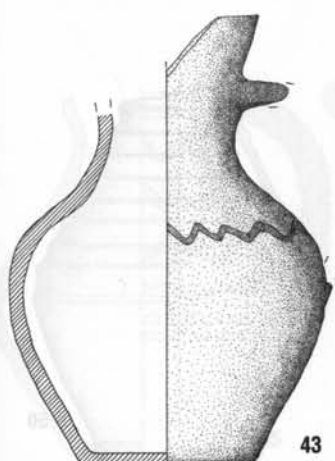
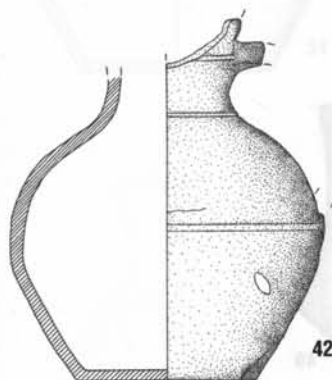
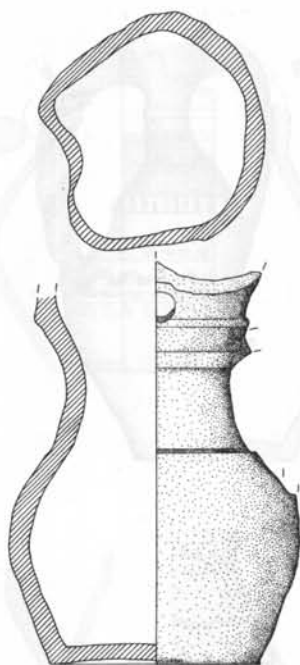
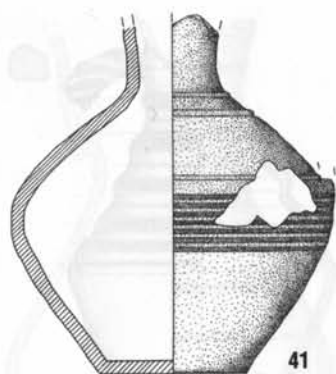
26

0 5 cm

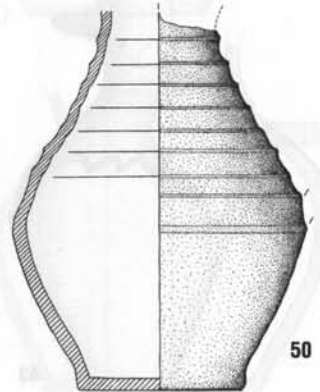
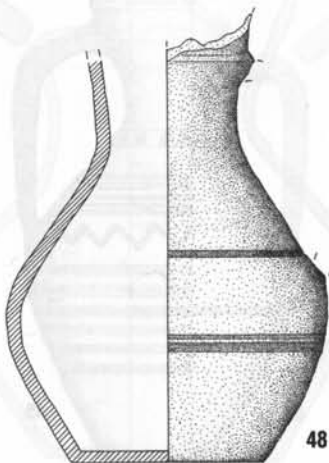
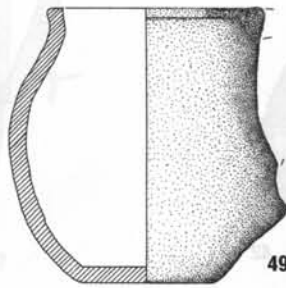
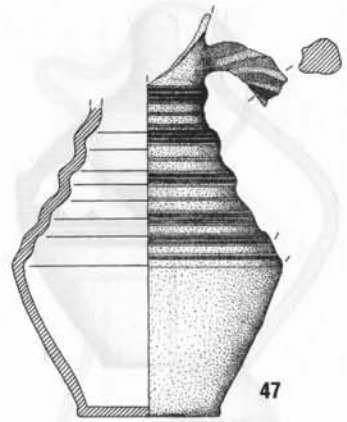




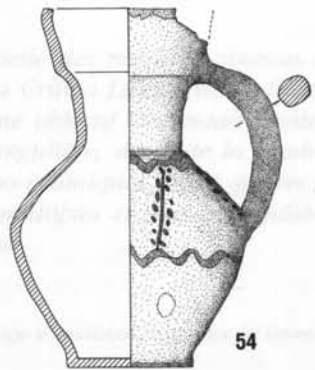
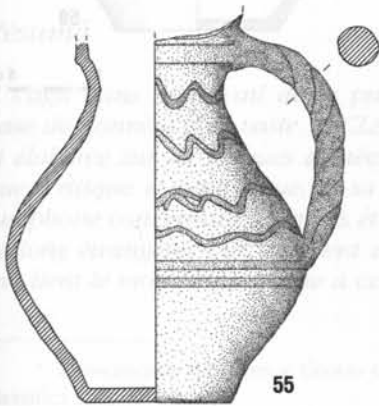
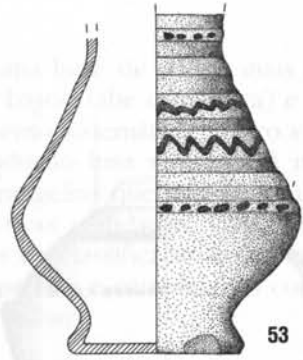
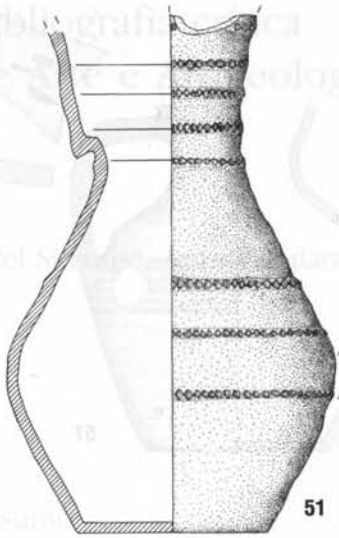
0 5 cm

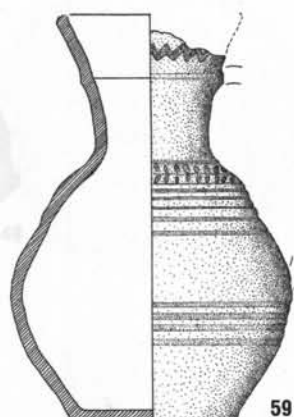
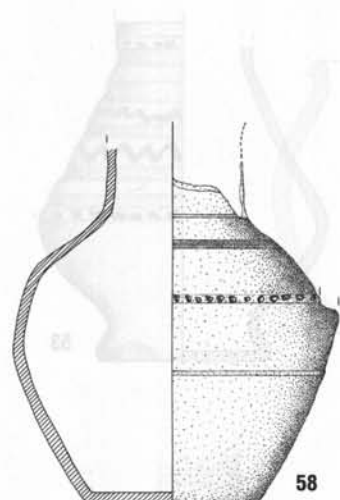
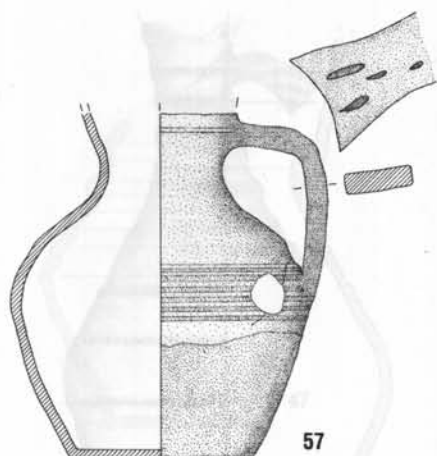
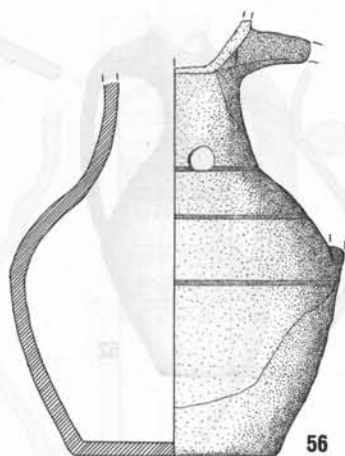


0 5 cm



0 5 cm





0 5 cm